

RiGS

revista interdisciplinar de gestão social

v.13 n.2 maio/ago. 2024

ISSN: 2317-2428

www.rigs.ufba.br



RiGS

revista interdisciplinar de gestão social

Publicação acadêmica, quadrimestral. Publica 3 tipos de documentos: textos, fotos e vídeos. Estimula 6 tipos de contribuições: tecnológica, teórica, vivencial, indicativa, fotográfica e audiovisual. Explora a gestão social de forma ampla ao situá-la na contemporaneidade, em territórios pluridisciplinares de prática e na investigação acadêmica. Difunde estudos pautados pela interdisciplinaridade.

v.13 n.2 maio/ago. 2024 ISSN: 2317-2428

www.rigs.ufba.br



PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO
EM DESENVOLVIMENTO E
GESTÃO SOCIAL



Universidade Federal da Bahia
Reitor: Prof. Dr. Paulo Cesar Miguez de Oliveira
Vice-Reitor: Penildon Silva Filho

Escola de Administração/ UFBA
Diretor: Prof. Dr. André Luis Nascimento dos Santos
Vice-Diretora: Profa. Dra. Bárbara Maria Dultra Pereira

Programa de Pós-Graduação em Desenvolvimento e Gestão Social (PDGS)
Coordenação: Prof. Dra. Luiza Reis Teixeira
Vice-coordenação: Profa. Dra Morgana Martins Krieger

Revisão da Língua Portuguesa e Normalização
Equipe Edufba/ Pontual Traduções

Gestão de Design e Diagramação
Zeta Studio

Foto da Capa
Thaila Mariana de Jesus Ferreira

Diagramação
Zeta Studio

Revista interdisciplinar de gestão social / Universidade Federal da Bahia, Escola de Administração, Centro Interdisciplinar de Desenvolvimento e Gestão Social. – Vol.13, n.2 (maio/ago. 2024)- . - Salvador : EAUFBA, 2014 - . v.

Quadrimestral.
Descrição baseada em: Vol. 1, n.1 (jan./ abr. 2012).

ISSN 2317-2428

1. Administração local - Periódicos. 2. Desenvolvimento social - Periódicos. I. Universidade Federal da Bahia. Escola de Administração.

CDD 352

EDITORAS - CHEFE

Maria Elisabete Pereira dos Santos
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Luiza Reis Teixeira
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Morgana Gertrudes Martins Krieger
Universidade Federal da Bahia, Brasil

EDITORES ASSOCIADOS

Eduardo Paes Barreto Davel
Universidade Federal da Bahia, Brasil
Fabio Bittencourt Meira
Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Brasil
Letícia Dias Fantinel
Universidade Federal do Espírito Santo, Brasil
Paula Chies Schommer
Universidade do Estado de Santa Catarina, Brasil
Maria Amélia Jundurian Corá
Universidade Federal de Alagoas, Brasil

GESTOR EXECUTIVO

Daniel Chaves
Universidade Federal da Bahia, Brasil

CONSELHO EDITORIAL

Alexandre de Pádua Carrieri,
Universidade Federal de Minas Gerais, Brasil
Alketa Peci, Fundação
Getúlio Vargas, Rio de Janeiro
Ana Sílvia Rocha Ipiranga,
Universidade Estadual do Ceará,
Brasil
Anderson de Souza Sant'Anna,
Fundação Dom Cabral, Brasil
Andrea Leite Rodrigues,
Universidade de São Paulo, Escola
de Artes, Ciências e Humanidades
Antonia de Lourdes Colbari,
Universidade Federal do Espírito Santo
Antonio Strati,
École Polytechnique de Paris,
França; Facoltà di Sociologia,
Università degli Studi di Trento,
Itália
Ariadne Scalfoni Rigo,
Universidade Federal da Bahia,
Brasil
Cintia Rodrigues de Oliveira,
Universidade Federal de
Uberlândia, Brasil
Eda Castro Lucas de Souza,
Universidade de Brasília
Fabio Bittencourt Meira,
Programa de Pós-Graduação em
Administração da Universidade
Federal do Rio Grande do Sul,

PPGA-UFRGS, Brasil
Fabio Vizeu Ferreira,
Universidade Positivo, Brasil
Fernando Gomes de Paiva Júnior,
Universidade Federal de
Pernambuco, Brasil
Jeová Torres Silva Júnior,
Universidade Federal do Cariri,
UFCA - Brasil, Brasil
João Martins Tude,
Universidade Federal da Bahia
José Antonio Gomes de Pinho,
Universidade Federal da Bahia,
UFBA, Brasil
Josiane Silva de Oliveira,
Universidade Estadual de Maringá,
UEM, Brasil
Letícia Dias Fantinel,
Universidade Federal do Espírito
Santo, Brasil
Luciano Junqueira,
Pontifícia Universidade Católica de
São Paulo
Luiz Alex Silva Saraiva,
Universidade Federal de Minas
Gerais, Brasil
Marcelo de Souza Bispo,
Universidade Federal da Paraíba,
Brasil
Maria Amélia Jundurian Corá,
Universidade Federal de Alagoas
Maria Ester de Freitas,
Fundação Getúlio Vargas - SP/
EAESP, Brasil
Miguel Pina e Cunha,
Nova School of Business and
Economics Universidade Nova de
Lisboa, Portugal
Paula Chies Schommer,
Universidade do Estado de Santa
Catarina, Brasil
Pedro Bendassolli,
Universidade Federal Rio de Norte
Silvia Gherardi,
Facoltà di Sociologia, Università
degli Studi di Trento, Italia
Tânia Fischer,
Universidade Federal da Bahia –
Brasil

sumário

9 Editorial

CONTRIBUIÇÃO TEÓRICA

11 Negócios de Impacto Social de Salvador - Bahia no Contexto do Covid-19: Um Estudo Sobre as Implicações no Modelo de Negócio

Luciana Alves Rodas Vera

Luíza Reis Teixeira

Rodrigo Müller

33 Abordagem das Capacidades como meio para Mensuração da Criação de Valor Social

Clara Braga

José Carlos Lázaro da Silva Filho

59 A Reutilização de Dados em Pesquisa Qualitativa: Dados Antigos Geram Novos *Insights* sobre a Economia Criativa em Contexto Extremo

Vanessa Pinhal

Daniel Victor de Sousa Ferreira

Cíntia Rodrigues de Oliveira

Valdir Machado Valadão Júnior

Sérgio Luiz do Amaral Moretti

ENSAIO FOTOGRÁFICO

79 Corpos que rezam, mar que escuta

Thaila Mariana de Jesus Ferreira

editorial

A presente edição da RIGS traz o debate o impacto social de negócios em Salvador e suas implicações em modelos de negócio no contexto da pandemia de Covid-19, sobre os desafios da mensuração criação de valor social e reuso de dados no contexto da produção científica, além de registro de memória em um território marcado pela resistência.

O artigo **Negócios de Impacto Social de Salvador - Bahia no Contexto do Covid-19: um estudo sobre as implicações no modelo de negócio**, de Luciana Alves Rodas Vera, Luíza Reis Teixeira e Rodrigo Müller, analisa como a pandemia de Covid-19 afetou os modelos de negócios de impacto social na cidade de Salvador. A pesquisa, de abordagem qualitativa e baseada em estudo de casos múltiplos, foi realizada com gestores de diferentes empreendimentos sociais locais. Os resultados apontam que o contexto pandêmico gerou efeitos heterogêneos: enquanto alguns negócios registraram queda na arrecadação e dificuldades operacionais, outros ampliaram sua base de clientes e parcerias. Essas dinâmicas revelam a capacidade adaptativa e o caráter resiliente dos Negócios de Impacto Social, cuja missão de gerar valor social e ambiental sustenta sua relevância mesmo em períodos de crise. O estudo reforça que tais negócios constituem importantes agentes de transformação, combinando sustentabilidade financeira e compromisso com o desenvolvimento social.

O texto sobre **Abordagem das Capacidades como meio para Mensuração da Criação de Valor Social**, de Clara Braga e José Carlos Lázaro da Silva Filho, traz a proposta de criação de uma ferramenta de mensuração do Valor Social por Empreendimentos ditos como Sociais, fundamentada na abordagem das capacidades de Amartya Sen. A reflexão problematiza o conceito e a percepção do “valor social” e a partir da Análise Fatorial Exploratória, propõe uma ferramenta de medição de bem-estar e valor social a partir dos *construtos* da afiliação; controle sobre o ambiente; segurança física e emocional e trabalho. A proposta apresentada traz tanto uma contribuição teórica como aplicada, ao apresentar uma possibilidade de medição de resultados de uma ação social.

A reflexão desenvolvida no texto sobre **A Reutilização de Dados em Pesquisa Qualitativa: Dados Antigos Geram Novos Insights sobre a Economia Criativa em Contexto Extremo**, de **Vanessa Pinhal, Daniel Victor de Sousa Ferreira, Cíntia Rodrigues de Oliveira, Valdir Machado Valadão Júnior e Sérgio Luiz do Amaral Moretti**, discute a reutilização de dados qualitativos em pesquisas empíricas, a partir de dados previamente coletado sobre o mercado da música em Uberlândia. O *reuso* dos dados permitiu explorar percepções dos músicos sobre instabilidade, ameaça e adaptação e evidenciar que situações imprevistas podem tensionar o percurso metodológico e exigir um redesenho interpretativo. Os resultados da reflexão demonstram que o potencial do reuso de dados reside em revelar dimensões ignoradas no momento da coleta, produzindo novas contribuições teórico-metodológicas, sem necessidade de novo campo. Particularmente, o estudo realizado, conclui que o reuso

do *corpus* pode adquirir características de *extreme job*, reforçando a relevância do reuso na produção científica.

Thaila Mariana de Jesus Ferreira apresenta-nos o ensaio fotográfico em **Corpos que rezam, mar que escuta**, convidando-nos a passear pelo Bembé do Mercado, lugar de memória e de resistência em Santo Amaro.

NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL DE SALVADOR - BAHIA NO CONTEXTO DO COVID-19: UM ESTUDO SOBRE AS IMPLICAÇÕES NO MODELO DE NEGÓCIO

Luciana Alves Rodas Vera, Luíza Reis Teixeira,
Rodrigo Müller

Resumo

Os negócios de impacto social correspondem àqueles cuja atividade central oferece uma solução para um problema social ou ambiental, operam por meio da lógica de mercado buscando retorno financeiro e têm indicadores para acompanhar o seu impacto. O número de negócios de impacto social tem crescido no Brasil, enfocando diversas questões sociais e ambientais, assim como os estudos voltados para este tema. O objetivo do artigo foi investigar as implicações da pandemia de Covid-19 nos modelos de negócio dos negócios de impacto social na cidade de Salvador-Bahia. Para isso, realizou-se um estudo de abordagem qualitativa com negócios de impacto social de Salvador-Bahia, empregando-se o método de estudo de casos múltiplos. O instrumento de coleta de dados foi um questionário eletrônico semiestruturado aplicado com gestores. Já a análise dos dados foi conduzida a partir de critérios de análise de conteúdo. Os resultados principais do estudo indicam que o cenário pandêmico trouxe impactos diversos para os negócios estudados, desde queda na arrecadação até aumento na carteira de clientes, o que indica que o perfil dos NIS possui características próprias e ao buscar resolver, ou mesmo, contribuir para a solução de um problema social ou ambiental, os NIS deixam marcada sua necessidade de existir enquanto instituições promotoras de mudanças sociais, mesmo em tempos de crise.

Palavras-chave

Negócios de impacto social; modelo de negócio; crise; covid-19.

Abstract Social impact businesses correspond to those whose core activity offers a solution to a social or environmental problem, operate through the logic of the market seeking financial return and have indicators to monitor their impact. The number of social impact businesses has grown in Brazil, focusing on various social and environmental issues, as well as studies focused on this topic. The purpose of this article was to investigate the implications of the Covid-19 pandemic on the business models of social impact businesses in the city of Salvador-Bahia. For this, a qualitative approach study was carried out with social impact businesses in Salvador-Bahia, using the multiple case study method. The data collection instrument was a semi-structured electronic questionnaire applied to managers. Data analysis was conducted using content analysis criteria. The main results of the study indicate that the pandemic scenario brought diverse impacts to the businesses analyzed, ranging from a decrease in revenue to an increase in the client base. This suggests that the profile of social impact businesses has particular characteristics, and by seeking to address or even contribute to the solution of a social or environmental problem, these organizations highlight their need to exist as institutions that promote social change, even in times of crisis.

Keywords Social impact businesses; Business model; Crisis; Covid-19.

INTRODUÇÃO

Apesar dos avanços tecnológicos, da ampliação do acesso a bens de consumo e do aumento da expectativa de vida na sociedade contemporânea, observa-se um aprofundamento das desigualdades socioeconômicas e a intensificação de crises ambientais em escala global. A pandemia de Covid-19, deflagrada em 2020, não apenas evidenciou, mas também agravou tais vulnerabilidades, ao expor as fragilidades dos sistemas de proteção social, as assimetrias no acesso a serviços básicos e a precariedade de grande parte das relações de trabalho. Em meio a este cenário de múltiplas crises — sanitária, econômica, social e ambiental — emerge com maior urgência a necessidade de repensar os modelos tradicionais de desenvolvimento e de negócio, buscando alternativas que conciliem viabilidade econômica com geração de valor social e ambiental.

O descontentamento com as mazelas sociais do sistema econômico vigente tem levado à discussão de formas para promoção de uma economia global, sustentável e mais inclusiva. Hart (2019) acredita que programas de responsabilidade social corporativa e reduções incrementais de impactos negativos não serão mais suficientes. Na perspectiva do autor, para que o desenvolvimento se torne de fato sustentável, é importante pensar em um novo paradigma. Nesse sentido, como uma resposta à insatisfação desta situação de crise, é possível verificar, no campo empírico, o surgimento de modelos de organizações, apresentando produtos e formatos inovadores, com o intuito de gerar valor social e/ou ambiental, além

do valor econômico (Campos; Comini, 2019; Rosolen; Tiscoski; Comini, 2014; Comini; Barki; Aguiar, 2013).

Os Negócios de Impacto Social (NIS) correspondem àqueles que podem ajudar a resolver problemas sociais e/ou ambientais, que operam sob a lógica do mercado buscando retorno financeiro (Comini; Barki; Aguiar, 2013) e que mensuram seu impacto (Pipe Social, 2019). Barki (2015) considera que estes empreendedores no fundo sempre existiram, mas encontraram nos NIS uma forma de iniciar um negócio não apenas para enriquecer, mas para fazer o bem, ao mesmo tempo. O ecossistema de NIS está em franco desenvolvimento no Brasil e conta com a participação de atores diversos, que além dos próprios negócios, podem ser de oferta de capital, tais como governos, organismos nacionais de fomento, fundações e associações, entre outros, e as organizações intermediárias, ou de apoio, tais como, incubadoras, aceleradoras, fundações e ONGs. Em 2019, a organização Pipe Social apresentou mapeamento contendo uma base de 1.002 Negócios de Impacto Social e Ambiental no Brasil.

No entanto, em um contexto de pandemia de coronavírus, quais as implicações desta crise para os NIS no que tange ao seu modelo de negócio? Partindo dessas contextualizações iniciais, o objetivo principal deste artigo foi investigar as implicações da pandemia de Covid-19 nos modelos de negócios dos NIS na cidade de Salvador-Bahia. Para alcançar este objetivo de pesquisa, realizou-se um estudo de abordagem qualitativa com gestores de negócios de impacto social, na cidade de Salvador-Bahia, empregando-se o método de estudo de casos múltiplos. A coleta de dados foi realizada por meio de um questionário eletrônico semiestruturado e o tratamento e análise dos dados foi realizado por meio de técnicas de análise de conteúdo.

O artigo foi estruturado da seguinte forma: (1) primeiramente, foi apresentada a introdução do trabalho e sua contextualização; (2) posteriormente, foram abordados, no referencial teórico, o conceito de negócios de impacto social, exemplos de negócios de impacto social no Brasil e a discussão sobre modelo de negócios; (3) em seguida, os procedimentos metodológicos do estudo foram explicados e (4) os resultados foram apresentados e discutidos; (5) por fim, foram apresentadas as considerações finais do trabalho.

REFERENCIAL TEÓRICO

NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL: DEFINIÇÕES

Os negócios de impacto social são aqueles que buscam, de maneira clara em seu propósito, gerar impacto social e/ou ambiental, operam por meio da lógica de mercado buscando retorno financeiro (Comini; Barki; Aguiar, 2013) e têm indicadores para acompanhar e comprovar o seu impacto (Pipe Social, 2019). Para Mair e Martí (2006), nos negócios de impacto social, a criação de valor econômico é considerada somente como uma condição necessária para assegurar a viabilidade financeira, pois a geração de valor social é o principal em tal modelo de negócio.

Em sintonia com estes autores, Petrini, Scherer e Back (2016, p. 210) conceituam os negócios de impacto social como “organizações que visam solucionar demandas relacionadas a problemas sociais, seja ofertando produtos e serviços, seja incluindo indivíduos ou grupos”, sendo que essas organizações devem promover sua própria sustentabilidade financeira e a distribuição de lucros é facultativa. O fenômeno dos negócios de impacto social surgiu no contexto do empreendedorismo social, quando o termo começou a se disseminar nos Estados Unidos, mas atualmente apresenta maior complexidade e uma diversidade de atores envolvidos (Rosolen; Tiscoski; Comini, 2014).

Estes atores são pautados por uma visão de reconstrução das bases do capitalismo vigente, por meio de formas inovadoras de fazer negócios, que sejam capazes de aliar impacto social e lucro (Comini; Barki; Aguiar, 2020). Em meio a esta tendência, surgiram diversos movimentos como o capitalismo consciente, valor compartilhado, Sistema B e negócios de impacto. Apesar de distintos, estes movimentos possuem uma base comum de que os negócios devem buscar um propósito maior do que a maximização do retorno aos acionistas (Barki, 2015).

É importante pontuar que ainda não existe um consenso na academia sobre a terminologia dos negócios de impacto social. Na literatura, é possível identificar autores que utilizam também termos como “negócios sociais” (Yunus, 2010; Rahman; Hussain, 2012), “negócios inclusivos” (Marquez; Reficco; Berger, 2009; Teodósio; Comini, 2012; Bastos; Vasconcellos; Teodósio, 2013), “negócios com soluções de impacto social e ambiental”, “negócios de impacto da periferia” e “empreendimentos sociais” (Barki; Rodrigues; Comini, 2020).

Para Rosolen, Tiscoski e Comini (2014), essa diversidade de nomenclaturas em torno do tema pode ser explicada devido às múltiplas realidades em que estes empreendimentos sociais se formam, tendo em vista os contextos econômicos, sociais e políticos de cada região. Além disso, para as autoras, como o tema é oriundo de diversos segmentos da sociedade, surgem também percepções particulares relacionadas à visão de cada setor sobre o conceito. Barki, Rodrigues e Comini (2020) destacam que a ausência de consenso e a amplitude de definições atestam que os negócios de impacto social são conhecidos e debatidos, tanto no campo acadêmico, como na prática.

A literatura acadêmica mostra, por conseguinte, que o conceito é polissêmico, marcado, inclusive, por diferenças de percepção sobre o papel do mercado na produção e na resolução de problemas sociais (Barki; Rodrigues; Comini, 2020, p. 481).

O termo “negócios sociais” entrou em evidência e ganhou notoriedade em 2006, quando Muhammad Yunus, conhecido banqueiro dos pobres, ganhou o Prêmio Nobel da Paz pelo reconhecimento do trabalho desenvolvido por meio do microcrédito com o propósito de reduzir a vulnerabilidade dos pobres em Bangladesh. A partir daí, a discussão sobre os negócios sociais se tornou referência para modelos de negócio que buscam gerar impacto na sociedade e, assim, melhorar o mundo (Barki, 2015).

Da mesma forma que o termo “negócios sociais”, o termo “negócios inclusivos” também ganhou mais espaço no contexto dos países em desenvolvimento e colocou ênfase na

inclusão social por meio do consumo, conforme explicam Rosolen, Tiscoski e Comini (2014). Teodósio e Comini (2012) conceituam os negócios inclusivos como “aqueles voltados à geração de oportunidades de emprego e renda para grupos com baixa mobilidade no mercado de trabalho, dentro dos padrões do chamado “trabalho decente” e de forma autossustentável” (p. 410).

No Brasil, de acordo com Silva e Mendonça (2019), o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE) é um dos principais disseminadores da temática, adotando o termo “negócios de impacto social” (utilizado neste artigo). Na visão de Comini, Barki e Aguiar (2013), os negócios de impacto social têm o potencial de oferecer uma resposta à forma como o capitalismo tradicional tem sido praticado, a qual tem sido questionada por constantes crises econômicas, financeiras e ambientais. Os autores explicam que os negócios com impacto social podem ser desenvolvidos por pequenas, médias e grandes empresas. No entanto, não devem ser confundidos com organizações não-governamentais (ONGs), nem ser considerados como práticas específicas de responsabilidade social e corporativa.

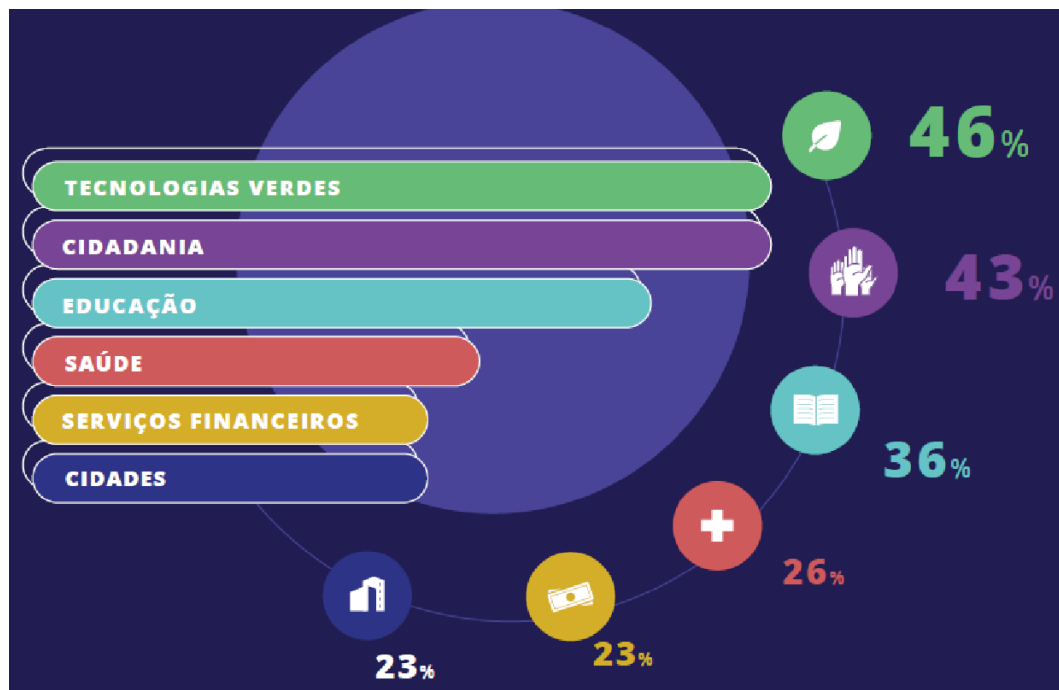
Barki (2015) explica que os negócios de impacto social diferem das ONGs e de outras organizações da sociedade civil pois utilizam mecanismos de mercado para a sustentabilidade financeira. Ou seja, não dependem de doações ou outro tipo de apoio para sobreviver. Além disso, Barki (2015) destaca que também são diferentes das práticas de responsabilidade social corporativa, uma vez que o impacto social é o propósito da empresa, e não uma ação pontual que não se relaciona à atividade central da organização. De acordo com Barki (2015), a principal razão da existência de um negócio de impacto social é o impacto social e/ou ambiental gerado.

EXEMPLOS DE NEGÓCIOS DE IMPACTO SOCIAL NO BRASIL

No Brasil, é possível identificar a existência e o fomento de inúmeros negócios de impacto em diversos setores como turismo e hospitalidade, saúde, consultorias empresariais, meio ambiente e sustentabilidade, entre outros. Os negócios de impacto também têm crescido dentro do ecossistema de inovação e estão presentes no movimento de startups, como é o caso do Afroimpacto (Salvador-BA / educação - edtech), GoodTruck Brasil (Curitiba-PR / saúde - healthtech), MediList (Rio de Janeiro - RJ / saúde - healthtech), Portal Revi (Belo Horizonte - MG / tecnologias verdes - green techs) e iBench (Rio de Janeiro - RJ / saúde - healthtech) (Pipe Social, 2020).

Segundo o Mapa de Impacto Social, em 2019, os NIS estavam categorizados em seis áreas de impacto: tecnologias verdes (46%), cidadania (43%), educação (36%), saúde (26%), serviços financeiros (23%) e cidades (23%).

Figura 1 - Áreas de impacto dos NIS no Brasil, em 2019.



Fonte: Pipe Social (2020, p. 11).

A área de tecnologias verdes abrange negócios que desenvolvem soluções para reduzir impactos ambientais e promover sustentabilidade, como, por exemplo, energias renováveis, eficiência energética e gestão de resíduos e reciclagem. Já a área de cidadania diz respeito às iniciativas que fortalecem direitos, participação social e inclusão, como, por exemplo, inclusão social e produtiva de populações vulneráveis e soluções para segurança e justiça social. A área de educação, por sua vez, que correspondeu a 36%, compreende organizações que oferecem produtos e serviços inovadores para ampliar o acesso e a qualidade da educação, como plataformas de aprendizagem digital e educação inclusiva (Pipe Social, 2020).

A área de saúde corresponde a negócios voltados à promoção da saúde e bem-estar, a exemplo de serviços de telemedicina e saúde preventiva. Enquanto isso, a área de serviços financeiros compreende modelos que ampliam o acesso a crédito, investimento e meios de pagamento para populações desbancarizadas ou com baixa renda. Por fim, a área de cidades corresponde a soluções para tornar os espaços urbanos mais inclusivos, sustentáveis e eficientes.

Essas áreas funcionam como categorias principais dentro das quais os negócios de impacto brasileiros se distribuem, permitindo identificar onde há maior concentração (como em tecnologias verdes e cidadania) e onde ainda existem lacunas de atuação (como em serviços financeiros e cidades).

Um exemplo de NIS é a startup Diáspora Black, que corresponde a uma plataforma de serviço de acomodação/hospedagens voltada para pessoas interessadas na cultura negra. A

Diáspora Black foi fundada em 2017, por três empreendedores negros que deram início ao negócio por meio de financiamento coletivo na plataforma de crowdfunding Catarse, que contou com a colaboração de mais de 12 mil pessoas.

Mas, o que motivou o surgimento desta startup? De acordo com um estudo de 2016, realizado pela Universidade de Harvard, nos Estados Unidos, pessoas negras têm 16% mais chances de serem rejeitadas em serviços de acomodação compartilhada, como o AirBnb (Melo, 2018). Além disso, episódios de racismo vivenciados pelos fundadores da plataforma em situações de viagem e hospedagem motivaram os empreendedores a terem a ideia do negócio.

Qualquer pessoa pode participar do site ou baixar o aplicativo da Diáspora Black. O propósito do negócio é promover trocas e experiências de viagem centradas nos valores, símbolos e referências da cultura negra (Hypheness, 2018). Ou seja, a ideia é proporcionar a valorização da cultura negra bem como um ambiente de acolhimento ao público negro viajante para que ele não vivencie situações de preconceito racial / racismo. Com funcionamento semelhante ao do AirBnb, a Diáspora Black permite que pessoas de diversas cidades se inscrevam para viajar ou receber viajantes em sua casa. O negócio tem colaborado como fonte de renda de comunidades quilombolas, grupos de matriz africana, entre outros, que se cadastram na plataforma para hospedar pessoas. O pagamento é realizado através da plataforma, por meio do Paypal. Além disso, o negócio tem oferecido outros serviços como treinamentos e consultoria (Nidde Digital, 2025).

Nota-se que o Diáspora Black atua como um negócio de impacto social na medida em que busca resolver um problema social em sua atividade central (preconceito racial/racismo em viagens/necessidade de letramento racial nas organizações) e opera por meio da lógica de mercado buscando retorno financeiro, já que todas as hospedagens e experiências turísticas oferecidas são pagas. Isto é, o negócio é sustentável e escalável. Por outro lado, por ser um negócio ainda em processo de crescimento, precisa ainda implementar a publicização de relatórios formais de impacto que demonstrem como a Diáspora Black mede o valor social que se propõe a gerar. Não foram localizados em seu site ou em seus canais oficiais métricas detalhadas de impacto como, por exemplo, alcance/escala, econômicos/renda, capacidade institucional/parcerias, e equidade/representatividade, além de alinhamento documentado e medido com Objetivos do Desenvolvimento Sustentável (ODS).

No contexto da pandemia de Covid-19, algumas startups caracterizadas como negócios de impacto se destacaram no Brasil, como é o caso da TNH Health. Devido ao aumento do número de casos e ao esgotamento da capacidade hospitalar, é essencial a existência de outras formas de interação para acompanhamento dos pacientes e para informação à população em geral. Neste contexto, a startup de saúde TNH Health cria chatbots inteligentes para melhorar o desfecho clínico de pacientes (Lima, 2020).

A TNH Health já atuou nas epidemias de Dengue e Zika Vírus e, no período de pandemia, forneceu ao Ministério da Saúde uma ferramenta tecnológica para dar suporte à população: um chatbot no TeleSUS para tirar dúvidas sobre o coronavírus, checar sintomas dos usuários e orientar como agir para evitar idas desnecessárias aos hospitais e riscos de

contaminação (Trindade, 2020). De acordo com Trindade (2020), a tecnologia desenvolvida pela TNH Health tem conseguido detectar muitos casos de Covid-19 e encaminhá-los para serviços de saúde, em unidades físicas ou telemedicina.

A TNH Health pode ser considerada um negócio de impacto social porque: 1) tem como atividade principal resolver um problema de âmbito social (saúde); 2) opera sob a lógica do mercado buscando retorno financeiro (presta serviço para secretarias municipais e estaduais de saúde, bem como seguradoras); e 3) mensura o impacto que gera. Conforme Trindade (2020), o estado de emergência possibilitou a contratação da TNH por 12 novos clientes, incluindo prefeituras, estados e governo federal, um crescimento de 30% da carteira em um mês apenas (março-abril de 2020).

Além da TNH Health, no contexto da pandemia, pode-se citar outros exemplos de negócios de impacto social que estão contribuindo para minimizar os problemas do Covid-19, como são os casos da Vittude, cujas atividades centrais são atendimentos terapêuticos online para pessoas físicas e produto corporativo para ajudar empresas a lidar com a saúde mental de seus colaboradores; e da Geekie, que tem oferecido o produto Geekie One para escolas particulares no intuito de auxiliá-las a levar a rotina da sala de aula para a casa de seus estudantes (Trindade, 2020).

No Brasil, como instituições do ecossistema de fomento aos negócios de impacto social, pode-se mencionar o Serviço Brasileiro de Apoio às Micro e Pequenas Empresas (SEBRAE), o Instituto de Cidadania Empresarial (ICE), as incubadoras de empresas como a In Pacto (Incubadora de Negócios Sociais) e as aceleradoras como a Vale do Dendê, localizadas na Bahia, contexto específico deste estudo. Além das incubadoras e aceleradoras, outras iniciativas de estímulo ao surgimento de negócios de impacto social são os eventos como Startup Weekend e Hackathons. Neste sentido, pode-se constatar diversas iniciativas de incentivo e fomento aos negócios de impacto social, o que demonstra uma ampliação e diversificação do ecossistema. O próximo tópico será destinado a discutir sobre modelos de negócio.

MODELOS DE NEGÓCIO

Em seu livro referência sobre inovação em modelo de negócios, Osterwalder e Pigneur (2011) definem modelo de negócio como aquele que descreve a lógica de criação, entrega e captura de valor por parte de uma organização. Os autores acreditam que o modelo de negócios é um esquema para a estratégia ser implementada através das estruturas organizacionais dos processos e esquemas.

Nesse sentido, Osterwalder e Pigneur (2011) propõem uma estrutura de modelo de negócios conhecida como Business Model Canvas, em que um modelo de negócios pode ser mais bem descrito a partir de nove categorias básicas, que mostram a lógica de como uma organização pretende gerar valor. Estas nove categorias cobrem as quatro áreas principais de um negócio: clientes, oferta, infraestrutura e viabilidade financeira. Tais categorias seriam: (1) Segmento de clientes; (2) Proposta de valor; (3) Canais; (4) Relacionamento com

clientes; (5) Fontes de receita; (6) Recursos Principais; (7) Atividades-chave; (8) Parcerias principais; e (9) Estrutura de Custo.

De acordo com Petrini, Scherer e Back (2016), alguns autores têm utilizado as referências de modelo de negócios tradicionais para analisar aqueles com impacto social. No entanto, como os modelos de negócio de impacto social envolvem geração de valor social, muitas vezes os modelos tradicionais não conseguem atender a especificidade deste tipo de negócio. Neste sentido, Petrini, Scherer e Back (2016) propuseram, a partir de um estudo empírico, um modelo de negócio voltado para negócios de impacto social. O modelo de negócios proposto por Petrini, Scherer e Back (2016) estrutura-se em cinco dimensões:

(1) rede de parceiros (contemplando fornecedores e outras alianças externas para a constituição e manutenção do negócio), (2) competências da empresa (considerando atividades e recursos chave), (3) proposição de valor (a partir da identificação de que produto/serviço é ofertado e o grupo de clientes atendido), (4) equação de lucro econômico, refere-se às receitas geradas e (5) equação do lucro social, representando os elementos responsáveis por gerar os impactos sociais (benefícios sociais gerados e os impactos gerados por eles) (Petrini; Scherer; Back, 2016, p. 214).

A proposta do modelo de negócios adequada à realidade dos NIS busca integrar os elementos dos modelos tradicionais, como o modelo Business Model Canvas, às especificidades dos negócios de impacto, de forma que Petrini, Scherer e Back (2016) acrescentaram a dimensão de equação de lucro social, considerando este como um dos itens de destaque e diferenciação dos demais modelos de negócio.

Segundo Petrini, Scherer e Back (2016), a dimensão de equação de lucro social é formada pelo impactado e pelos benefícios sociais. O impactado corresponde ao público que recebe o benefício, identificando se ele é impactado como cliente. Os impactados também podem ser portadores de necessidades especiais ou o meio ambiente. Já o benefício social é o benefício proporcionado pelo negócio, seja ele social ou ambiental. As autoras explicam que:

Para a classificação desses benefícios sociais, a referência a ser utilizada possui base nos indicadores propostos pelo IRIS (2014) – um catálogo internacional de métricas de desempenho utilizado pelos principais investidores em negócios geradores de impacto social, para medir o sucesso ambiental, social e/ou financeiro de um negócio (Petrini; Scherer; Back, 2016, p. 215).

Petrini, Scherer e Back (2016) apontam que um dos principais desafios dos negócios de impacto social diz respeito a como medir o impacto social causado. Elas sintetizam possíveis três caminhos: (1) medir resultados imediatos dos programas implementados, (2) medir resultados de médio prazo que impactaram as condições de vida do público-alvo do NIS, e (3) medir resultados e mudanças de longo prazo nas condições de vida da população alvo que podem ser atribuídas unicamente aos programas implementados.

Nesse sentido, ao considerar que os negócios de impacto social possuem estrutura e lógica de mercado, suas formas de gestão também seguem padrões já consolidados no ambiente corporativo, mas incluindo elementos específicos para a sua gestão como o acompanhamento

dos impactos sociais alcançados pelo NIS, aqui visualizados sob a dimensão de equação de lucro social.

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Essa pesquisa pode ser considerada de natureza aplicada, por estudar uma situação prática do dia a dia das organizações participantes. O estudo seguiu uma abordagem qualitativa, já que o objetivo do trabalho foi investigar as implicações da pandemia do Covid-19 no modelo de negócio dos NIS na cidade de Salvador-Bahia.

O método de pesquisa utilizado foi o estudo de casos múltiplos (Yin, 2015) por se tratar de um trabalho que 1) investiga um fenômeno contemporâneo em profundidade e, especialmente, cujos 2) limites entre o fenômeno e o contexto não são claramente evidentes. Segundo Yin (2015), o método de estudo de caso é utilizado quando se deseja entender um fenômeno da vida real em profundidade, mas este entendimento engloba “importantes condições contextuais – porque eram altamente pertinentes ao seu fenômeno de estudo” (Yin, 2015, p. 39). Para este autor, é o grau de aprofundamento do contexto em relação ao fenômeno que distinguirá o estudo de caso de outros métodos de pesquisa.

Os sujeitos da pesquisa foram os gestores de negócios de impacto social localizados na cidade de Salvador - Bahia. Os NIS foram identificados a partir da pesquisa realizada, em 2019, pela organização PIPE Social, que acompanha, mensura e dá suporte a negócios de impacto no Brasil. Foram identificados 27 NIS no estado da Bahia, dos quais 23 localizados na cidade de Salvador. Os 23 NIS foram contatados por correio eletrônico e redes sociais online e obteve-se resposta e participação de 7 gestores, que responderam ao questionário completo. A coleta dos dados ocorreu no segundo semestre de 2020. O estudo foi conduzido por meio da aplicação de um questionário eletrônico semiestruturado aos gestores dos negócios de impacto social identificados a partir de relatório da PIPE Social.

O questionário foi elaborado com base no Modelo de Negócios com Impacto Social, proposto por Petrini, Scherer e Back (2016), considerando as cinco dimensões propostas no modelo: (1) rede de parceiros (contemplando fornecedores e outras alianças externas para a constituição e manutenção do negócio), (2) competências da empresa (considerando atividades e recursos chave), (3) proposição de valor (a partir da identificação de que produto/serviço é ofertado e o grupo de clientes atendido), (4) equação de lucro econômico, refere-se às receitas geradas e (5) equação do lucro social, representando os elementos responsáveis por gerar os impactos sociais (benefícios sociais gerados e os impactos gerados por eles).

A intenção foi identificar as mudanças no modelo de negócios dos NIS participantes no contexto pré-pandemia e durante a pandemia (crise). As questões elaboradas encontram-se no Quadro 1.

Quadro 1 - Questionário aplicado aos gestores dos NIS

Categoria	Questão
Introdução	Você pode descrever brevemente a trajetória do seu negócio até chegar nos dias de hoje.
	Você considera que seu negócio é um negócio de impacto social? Por que?
	Considerando o atual momento econômico, qual a sua opinião sobre os impactos da pandemia para os negócios de impacto social?
Proposição de valor (produto/serviço e segmento de clientes)	Qual é o problema social/ambiental que o negócio busca resolver?
	Qual a solução é ofertada para resolver o problema?
	Quais valores o negócio busca transmitir?
	Com qual segmento de clientes o seu negócio atua?
	A pandemia gerou alterações no perfil dos clientes?
Canais	Quais os canais utilizados para entregar os produtos/serviços para os clientes?
	Algum canal precisou ser modificado ou adaptado com a pandemia?
Competências da empresa	Quais os recursos-chave (ex. infraestrutura e recursos humanos, etc.) do negócio?
	Quais as principais competências (expertise, know-how, etc.) do negócio?
	Existiram alterações em algum destes elementos em função da pandemia?
Rede de parceiros	Quais são as principais parcerias do negócio?
	Ocorreram alterações em relação às parcerias devido à pandemia?
Equação de lucro econômico	Você percebeu alguma alteração na rentabilidade do seu negócio desde o início da pandemia? Comente.
	Quais eram os meios utilizados pelos clientes para pagamento? A pandemia alterou os meios e formas utilizados?
Equação do lucro social	Como os impactos sociais e/ou ambientais são monitorados pelo negócio?
	O negócio possui indicadores para acompanhar os impactos sociais / ambientais promovidos?
	Com a pandemia, houve alguma alteração no monitoramento dos impactos sociais?

Fonte: Elaborado com base em Petrini, Scherer e Back (2016).

Para analisar os dados coletados, adotou-se a técnica de análise de conteúdo, que, segundo Bardin (1977), enquanto método, representa um conjunto de técnicas de análise das comunicações destinada a obter indicadores através de procedimentos sistemáticos e objetivos para descrever o conteúdo das mensagens. As categorias para a análise de conteúdo foram definidas a priori com base no trabalho de Petrini, Scherer e Back (2016), referentes às cinco dimensões dos negócios de impacto social já mencionadas, e os resultados encontrados são apresentados na próxima seção.

ANÁLISE DOS RESULTADOS

VISÃO GERAL

Nesse estudo, 23 empreendedores(as) de negócios de impacto social da cidade de Salvador-Bahia, presentes na base de dados do mapeamento da Pipe Social 2019, foram contactados virtualmente, de julho a setembro de 2020. No entanto, apenas sete deram retorno e concederam respostas completas.

Todos eles confirmaram que os negócios estão sediados na cidade de Salvador - Bahia. A faixa etária dos respondentes está entre 22 e 60 anos. Quanto à formação, a maioria deles tem nível superior completo (6 pessoas), sendo que destes, quatro respondentes já têm especialização e um possui mestrado. As áreas de formação são variadas, abrangendo desde Bacharelado em Biotecnologia, Comunicação Social, Serviço Social, Planejamento Regional e Marketing.

O Quadro 2 apresenta os negócios de impacto social estudados. Para proteger a identidade dos negócios e seus respectivos respondentes, foram ocultados os seus nomes e atribuídas letras do alfabeto como forma de identificação.

Quadro 2 - Apresentação dos NIS estudados

NIS	Apresentação
NIS A	Iniciou em 2006, com o objetivo de fortalecer organizações sociais de bairros promovendo formações para lideranças locais. Passou alguns anos adormecido e em 2014, retomou as suas atividades focadas em desenvolvimento local através do empreendedorismo e do fortalecimento de organizações de base comunitária. Atua sobre as ODS's Erradicação da pobreza e Educação de qualidade.
NIS B	Iniciado em 2015, este negócio de impacto social atua no desenvolvimento, capacitação, implantação e monitoramento de tecnologias para acesso à água e saneamento de comunidades rurais de baixa renda. Os usuários recebem as tecnologias gratuitamente. Quem paga por isso são empresas, órgãos governamentais ou ONGs que atuam na região com projetos de responsabilidade social. Atua sobre as ODS's Saúde e bem-estar, Água potável e saneamento, e Cidades e Comunidades Sustentáveis.

NIS	Apresentação
NIS C	Fundada em maio de 2007, é uma das associações federadas ao Movimento Internacional Human People to People. A Human People to People é uma rede presente em 45 países que pratica cooperação e solidariedade internacional, e promove desenvolvimento no seu sentido mais amplo. A Federação atua na Europa, África, Ásia e Américas com o compromisso de lutar ao lado dos povos que necessitam de apoio para enfrentar e superar dificuldades em suas comunidades, a exemplo da pobreza e falta de acesso às necessidades básicas sociais, de saúde e educação. O negócio de impacto social atua na região Sisaleira do Estado da Bahia, por meio do Programa Nordeste Cidadão, buscando o desenvolvimento integral das comunidades. Atua em cima da ODS Fome zero e agricultura sustentável.
NIS D	O negócio de impacto social oferta cursos online a preços populares. Até 2020, já realizou 10 cursos e um 1 festival de conteúdo afroempreendedor, impactando diretamente 260 pessoas. Atua sobre as ODS's Educação de qualidade e Redução das Desigualdades.
NIS E	O negócio de impacto social que visa gerar visibilidade social e oportunidades de empreendedorismo social e cultural para as minorias sociais, incentivando a Economia Solidária e o Comércio Justo e Solidário. De acordo com a empreendedora, as áreas de impacto são Cidadania, Cidades (Habitação/Mobilidade), Educação e Serviços Financeiros.
NIS F	Este negócio de impacto social visa resolver o problema da ausência de soluções sustentáveis para tratamento dos resíduos orgânicos gerados nos centros urbanos. A área de impacto do negócio são as tecnologias verdes. Atua no sentido de atender às ODS's Cidades e comunidades sustentáveis, e Produção e consumo sustentáveis.
NIS G	O NIS G visa oportunizar aos cidadãos formas de autonomia através de história e cultura. Suas áreas de impacto são: cidadania e educação. Atua sobre a ODS Educação de qualidade.

Fonte: Elaboração própria (2021).

PROPOSIÇÃO DE VALOR

No que tange à dimensão de proposição de valor, os respondentes foram questionados sobre (1) o problema social/ambiental que o NIS busca resolver, (2) qual a solução ofertada, (3) quais os valores a organização busca transmitir, (4) qual o segmento de clientes e (5) se existiram alterações no perfil dos clientes. Conforme Petrini, Scherer e Back (2016), essa dimensão engloba basicamente dois elementos: (i) o produto ou serviço ofertado e (ii) os clientes. São os aspectos voltados para o mercado e o público consumidor, de forma que é possível perceber uma relação entre o objetivo central dos NIS e as soluções por eles ofertadas.

Nessa pesquisa, dentre os problemas que os NIS buscam resolver estão: fortalecimento de empresas de base, acesso à água potável, desigualdade social, inclusão socioproductiva, desigualdades educacionais, lixo e reciclagem e geração de renda para as comunidades locais. As soluções ofertadas também variam, encontrando-se desde mobilização social, redes de colaboração e co-criação, tecnologias hídras, desenvolvimento socioeducativo, programas

de educação comunitária, cursos e consultorias com preços acessíveis realizados por profissionais negros/as, plataforma de divulgação de projetos, eventos e materiais elaborados por empreendedores locais, regionais, nacionais e internacionais, operações de logística reversa e capacitação para inovação produtiva.

Sobre os valores transmitidos, cada NIS apresenta os seus, mas há uma convergência nos seguintes elementos: respeito, colaboração, inovação, sustentabilidade e valorização local. Com relação aos clientes, foi possível identificar vários grupos: comunidade local, organizações de base comunitária, empresas privadas (B2B), comunidades quilombolas, de pescadores, indígenas, mulheres, afroempreendedores, minorias sociais, indústrias químicas e organizações públicas. Já ao serem questionados sobre alterações nos clientes em função da pandemia, três gestores indicaram que existiram alterações no sentido de ampliar os públicos. Os outros quatro indicaram não ter sofrido alterações.

Percebe-se, com isso, uma variedade de produtos e soluções oferecidos pelos NIS investigados. Todos propõem-se a solucionar problemas específicos e atuam no sentido de oferecer soluções comerciais que atendam às demandas de seu público e foco principal com base em princípios e valores que orientam o negócio. No que se refere aos impactos sofridos com a pandemia, em relação às possíveis alterações nos clientes, foi possível perceber a ampliação do público em três empreendimentos e a manutenção nos demais. Ou seja, o impacto foi positivo.

Canais

Após identificar os serviços e soluções ofertadas pelos NIS investigados, buscou-se entender (1) os canais utilizados para distribuição das soluções propostas e (2) se houve mudança nesses canais no contexto da pandemia.

Com relação aos canais tradicionalmente utilizados, identificou-se que os serviços ofertados são realizados geralmente de maneira presencial, por meio de encontros, realização de eventos, contato direto, dinâmicas e atividades presenciais, dentre outras formas de contato e entrega. Por outro lado, já foi possível identificar que os contatos comerciais e a comunicação em geral é realizada de maneira digital.

Já com relação às mudanças no período da pandemia, dois respondentes informaram não terem sofrido alteração nas formas de entrega de suas soluções. Os outros cinco apontaram, por outro lado, maior direcionamento para atividades online, encontros virtuais e um aumento no uso de tecnologias da informação e comunicação. Um dos respondentes informou ter impactos duros sobre o negócio em função da impossibilidade de realização de atividades presenciais:

Não temos mais encontros coletivos e formações por serem de natureza presencial. Esse setor foi completamente afetado para nós. Tivemos contratos cancelados e suspensos, já que mesmo que pudéssemos adaptar para um formato digital o público final não possui infraestrutura necessária para acessá-lo (NIS A, 2021).

Verifica-se que a utilização de tecnologias da informação e comunicação já se fazia presente no dia a dia dos NIS estudados. No entanto, em um cenário de pandemia, essa demanda por conhecimento e infraestrutura tecnológica aumentou, afetando inclusive as formas de disponibilização das soluções ofertadas.

COMPETÊNCIAS DA EMPRESA

Para Petrini, Scherer e Back (2016, p. 220), as competências dizem respeito aos “conhecimentos organizacionais necessários à abertura do negócio e o papel das pessoas em sua operação”. Tais elementos envolvem desde o conhecimento sobre o local, ou território, de atuação do negócio até experiências e domínio dos processos de produção dos produtos/serviços ofertados.

Com relação às competências dos NIS estudados, buscou-se entender quais conhecimentos são necessários para o estabelecimento do negócio. Neste sentido, os participantes foram questionados sobre (1) os recursos-chave do negócio, (2) as suas principais competências e (3) se houve alteração nesses elementos em função da pandemia.

Sobre os recursos-chave, foi possível perceber uma semelhança entre todas as respostas, que indicam os recursos humanos (representados pela equipe de profissionais responsáveis pela oferta das soluções propostas) como fator-chave dos negócios. Em seguida, elementos técnicos e ferramentas para execução do trabalho.

Já com relação às competências do negócio, foi possível perceber desde competências comportamentais (liderança, gestão de pessoas, facilitação de grupos, relacionamento interpessoal e outras características das equipes) a competências técnicas, representadas por conhecimentos de gestão de projetos, desenvolvimento de tecnologias, *know-how* em saneamento básico, operações logísticas e habilidades comerciais.

Ao serem questionados sobre alterações nesses elementos em função da pandemia, dois gestores indicaram não terem sofrido alterações, enquanto cinco indicaram alterações como: uso de tecnologias, facilitação de grupos, conhecimentos técnicos de higienização de zonas urbanas e adequações do trabalho em função dos impactos da pandemia sobre os parceiros de negócio.

REDE DE PARCEIROS

As redes de parceiros englobam investidores, fornecedores e parceiros (Petrini; Scherer; Back, 2016), de forma que estes atores têm um papel fundamental no desenvolvimento e manutenção do negócio. Os gestores foram questionados sobre (1) as suas redes de parcerias e (2) sobre mudanças nessas redes no cenário da pandemia do Covid-19. Sobre a primeira questão, dentre as principais parcerias de negócio identificadas nas respostas ao questionário, encontram-se: outras organizações de impacto (NIS), fornecedores, organizações do terceiro setor (ONGs), instituições do poder público em várias esferas (municipal, estadual e federal), os próprios clientes e organizações jurídicas.

Já ao serem questionados sobre mudanças nas suas redes de parceiros, dois gestores informaram não ter alterações no seu quadro de parceria, enquanto os demais apontaram mudanças tanto no sentido de ampliar parcerias (outras instituições e empresas privadas com relação direta com as comunidades nas quais os NIS estão inseridos) como no sentido de reduzir o número de parceiros. Um exemplo disso aparece na resposta do NIS F, que disse que “uma das agências parceiras precisou diminuir a carga horária dos funcionários e cortou o nosso atendimento”.

Com isso, é possível perceber que as redes de parceiros dos NIS participantes da pesquisa são constituídas por vários atores do ecossistema de inovação das suas localidades, bem como é perceptível que o cenário da pandemia trouxe mudanças em relação aos parceiros, seja na ampliação das redes ou na redução do número de atores e parceiros.

EQUAÇÃO DE LUCRO ECONÔMICO

No que tange a categoria de ‘equação de lucro econômico’, os participantes foram questionados sobre três aspectos: (1) se perceberam alterações na rentabilidade do negócio desde o início da pandemia; (2) quais eram os meios utilizados para pagamentos; e (3) se a pandemia alterou os meios de pagamento utilizados pelo negócio.

Sobre o primeiro item, a rentabilidade, apenas um respondente indicou não ter percebido alterações. Os outros 6 indicaram alterações significativas. Um dos negócios percebeu maior procura por seus serviços, o que aumentou as receitas. Os outros cinco tiveram redução nas receitas por motivos como: congelamento de todos os projetos, queda no fechamento de novos contratos em função da necessidade de distanciamento social, cancelamento ou suspensão de contratos e necessidade de reduzir equipes e projetos para manter o negócio funcionando.

Sobre os pagamentos pelos serviços e soluções ofertadas, os meios variavam desde opções comerciais como dinheiro, cartão de crédito e débito, boleto bancário, transferências eletrônicas e meios de pagamento governamentais, como o empenho financeiro. Já com relação às alterações nesses meios, os respondentes informaram não terem sofrido mudanças.

Essas respostas indicam uma queda de arrecadação na maioria dos casos, de forma que a pandemia impactou negativamente a vida financeira econômica dos negócios. Por outro lado, um dos negócios investigados indicou aumento da carteira de clientes, o que sugere que a área de atuação dos negócios tem forte relevância no momento atual.

EQUAÇÃO DO LUCRO SOCIAL

A equação de lucro social é um dos pontos que distingue os negócios de impacto social de outros tipos de organização, uma vez que nos negócios tradicionais o lucro econômico é um dos principais elementos e nos NIS é preciso também identificar os reais impactos do negócio para as comunidades onde ele se encontra inserido (Barki, 2015). Para Petrini,

Scherer e Back (2016), essa categoria compreende a identificação dos impactados com o negócio e os benefícios sociais gerados.

Conforme apresentado no referencial teórico, esta categoria foi inserida de forma que se buscou verificar como os negócios participantes desta pesquisa visualizam e equacionam o seu lucro social. Neste sentido, foram indagados sobre: (1) como os impactos sociais e/ou ambientais são monitorados pelo negócio; (2) se o negócio possui indicadores para acompanhar os impactos sociais/ambientais promovidos e, em caso afirmativo, quais são estes indicadores; e (3) se houve alteração no monitoramento dos impactos em função da pandemia.

Dos sete negócios participantes, apenas um indicou que ainda estava em fase de estudos e planejamento do monitoramento dos impactos de sua atuação no momento de realização da pesquisa. Os demais indicaram realizar ações diversas, como acompanhamento prévio, durante e posterior ao desenvolvimento dos projetos e metodologias de gestão de projetos. Um dos negócios frisou que monitorar impacto é justamente uma das soluções ofertadas, de forma que fazem esse monitoramento em seus projetos a curto e médio prazo.

Já ao serem questionados sobre possuírem indicadores específicos, seis indicaram que possuem, enquanto um dos respondentes assinalou que não possui. Sobre os indicadores utilizados, as respostas sugeriram participação em organizações de monitoramento como Yunnus e Pipe Social, planilhas de monitoramento de resultados, indicadores de saneamento básico, inclusão no mercado de trabalho de atores mais vulneráveis da cadeia, dentre outros indicadores. Ao serem questionados sobre mudança nos indicadores em função da pandemia, apenas um dos respondentes indicou perceber alterações em função da queda nos serviços, que foram reduzidos e tiveram impacto sobre as ações do negócio.

Conforme destaca Petrini, Scherer e Back (2016), os NIS surgem como um novo tipo de organização que combina sustentabilidade financeira e geração de valor social. Para os negócios de impacto social, a criação de valor econômico é apenas uma condição para alcançar a viabilidade financeira, mas a finalidade é a geração de valor social (Petrini; Scherer; Back, 2016).

Assim, percebe-se que a análise do modelo de negócios de impacto social se diferencia dos negócios tradicionais, que, em geral, voltam-se para oferta, clientes, infraestrutura e aspectos financeiros, a exemplo do Business Model Canvas, desenvolvido por Osterwalder e Pigneur (2011). O uso do modelo de negócios com impacto social como ferramenta de análise mostrou-se bastante pertinente para o objetivo deste trabalho. A partir da análise das dimensões propostas, foi possível depreender as implicações devido à pandemia vivenciadas pelos empreendimentos pesquisados no modelo de negócios.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo deste artigo foi investigar as implicações da pandemia do Covid-19 nos modelos de negócios dos NIS na cidade de Salvador-Bahia. Para tanto, partindo da literatura sobre

os negócios de impacto social, foi possível conhecer suas características principais, bem como identificar um modelo de negócios para os negócios de impacto social, adotado nesta pesquisa como direcionador para as coletas de dados e análises.

A partir dessa discussão inicial, a coleta de dados ocorreu com sete representantes de negócios de impacto social da cidade de Salvador-Bahia no intuito de perceber as implicações da pandemia de Covid-19 sobre essas organizações. Os resultados principais do estudo indicam que o cenário pandêmico trouxe impactos diversos para os negócios estudados, desde queda na arrecadação até aumento na carteira de clientes.

As categorias de análise utilizadas foram: (1) proposição de valor, (2) competências da empresa, (3) rede de parceiros, (4) equação de lucro econômico e (5) equação do lucro social. Uma das principais características dos NIS, que é a geração de impacto social ou ambiental, ficou bem evidente ao analisar os setores de atuação dos NIS pesquisados, que são: desenvolvimento social, saneamento básico, lixo e reciclagem, inclusão social de minorias.

Sob esse aspecto, percebe-se que os negócios que trabalham com formação para o trabalho ou desenvolvimento social tiveram alguns impactos positivos como aumento de clientes e de parcerias. Já outros negócios que demandavam maior circulação e acesso às comunidades, por exemplo, tiveram impactos negativos, possivelmente em função da necessidade de contato físico em um momento de distanciamento social.

No que tange à proposição de valor, os negócios participantes da pesquisa possuem objetivos específicos com finalidades de atender a problemas/demandas sociais e ambientais, situação característica dos negócios de impacto social. Sobre a rede de parceiros, perceberam-se impactos tanto no sentido de reduzir os parceiros como de aumentar, em alguns casos, justamente em função das mudanças econômicas e sociais do período.

Com relação às competências das organizações investigadas, percebe-se um foco no aspecto humano como diferencial em todos os casos observados. A respeito da equação de lucro econômico, no período de pandemia, um dos negócios não percebeu alterações, outro percebeu aumento nos lucros em função do aumento da procura por seus serviços e os demais perceberam impactos negativos, como queda nos contratos e na oferta de serviços, impactando diretamente na arrecadação financeira.

Já no que tange a equação de lucro social, verifica-se que os NIS participantes da pesquisa indicam, em sua maioria, possuir indicadores de avaliação dos impactos, mas isso ocorre de forma incipiente. Verifica-se que são utilizadas metodologias de gestão de projetos, controles de curto prazo e outras métricas administrativas para mensurar os impactos causados, mas necessitando ainda de maior robustez de métodos e controles bem estabelecidos.

Por fim, ao observar de modo geral as implicações da pandemia do Covid-19 sobre os NIS pesquisados, foi possível perceber alterações nas formas de execução do trabalho e na distribuição das soluções ofertadas, o uso mais intenso de tecnologias da informação e comunicação e questões de operacionalização do negócio, como redução de parceiros, diminuição da oferta de serviços (impactando na vida financeira dos NIS), desafios de acesso

presencial às comunidades trabalhadas em função das regulamentações sobre distanciamento social, dentre outras questões. Algumas das respostas ao questionário indicaram dificuldades como necessidade de adaptação, alto risco de contatos presenciais em alguns casos, bem como outras implicações negativas sobre os NIS.

O artigo contribuiu, portanto, no sentido de analisar as implicações da pandemia do Covid-19 no modelo de negócios dos NIS. Notou-se que as implicações abarcaram tanto elementos positivos como negativos de forma que, para a maioria dos empreendimentos investigados, mesmo em cenário atípico e emergencial, foi possível manter a atuação e atividades centrais dos NIS. Algumas possíveis respostas para o impacto negativo enfrentado pelos NIS ter sido relativamente baixo, tendo em vista o cenário pandêmico marcado pela falência de inúmeros empreendimentos, podem estar relacionadas à natureza deste tipo de empreendimento, que, em geral, já nasce com uso de tecnologia, estrutura de funcionários enxuta e o tipo de atividade que desenvolvem. Ao buscar resolver, ou mesmo, contribuir para a solução de um problema social ou ambiental, os NIS deixam marcada sua necessidade de existir, mesmo em tempos de crise.

Para estudos futuros, sugere-se a elaboração de pesquisas mais aprofundadas de abordagem quantitativa com os negócios de impacto social e seu ecossistema de apoio no cenário pandêmico e pós-pandêmico.

REFERÊNCIAS

BARDIN, L. *Análise de conteúdo*. Lisboa: Edições 70, 1977.

BARKI, E. Negócios de Impacto: tendência ou modismo? *GVEXECUTIVO*, Rio de Janeiro, v. 14, n. 1, 2015. Disponível em: <https://repositorio.fgv.br/items/4e129ad1-8060-4766-8089-a0ec941ada2b>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BARKI, E.; RODRIGUES, J.; COMINI, G. M. Negócios de impacto: um conceito em construção. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, [s.l.], v. 9, n. 4, p. 477-501, 2020. Disponível em: <https://www.regepe.org.br/regepe/article/view/1980/pdf>. Acesso em: 20 nov. 2025.

BASTOS, M. F.; VASCONCELLOS, G. M.; TEODÓSIO, A. S. S. Redes, empreendedorismo social e negócios inclusivos: em busca de um modelo compreensivo sobre inovação no combate à pobreza na América Latina. In: INTERNATIONAL SOCIETY FOR THIRD SECTOR RESEARCH CONFERENCE, p. 1-22, 2013. [Anais...]. [s.l.: s.n.], 2013.

CAMPOS, F.; COMINI, G. M. Negócios com Impacto Ambiental, 2019. In: BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. G. (org.). *Negócios de Impacto Socioambiental no Brasil: como empreender, financiar e apoiar*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

COMINI, G. M.; BARKI, E.; AGUIAR, L. *O novo campo dos negócios com impacto social*. Negócios com impacto social no Brasil. São Paulo: Peirópolis, 2013.

HART, S. L. Capitalismo movido por propósito, 2019. In: BARKI, E.; COMINI, G. M.; TORRES, H. G. (org.). *Negócios de Impacto Socioambiental no Brasil: como empreender, financiar e apoiar*. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2019.

HYPENESS. Diaspora.Black: rede de anfitriões e viajantes interessados na cultura negra. *Hypeness*, 2018. Disponível em: <https://www.hypeness.com.br/2018/01/diaspora-black-rede-de-anfitrioes-e-viajantes-interessados-na-cultura-negra/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

LIMA, Y. Healthtechs: Startups de saúde estão combatendo o Coronavírus em 2020. *AAA Inovação*, 2020. Disponível em: <https://blog.aaainovacao.com.br/startups-de-saude/>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MAIR, J.; MARTÍ, I. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. *Journal of World Business*, [s.l.], v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006. Disponível em: <https://www.sciencedirect.com/science/article/abs/pii/S1090951605000544>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MARQUEZ, P.; REFICCO, E.; BERGER, G. Negócios inclusivos em América Latina. *Harvard Business Review*, 2009. Disponível em: <https://www.researchgate.net/journal/Harvard-Business-Review-0017-8012>. Acesso em: 20 nov. 2025.

MELO, L. Diáspora.Black: Episódios de racismo viraram oportunidade para negócio especializado em atrair turistas negros. *Época*, 2018. Disponível em: <https://epoca.globo.com/diasporablack-episodios-de-racismo-viraram-oportunidade-para-negocio-especializado-em-atrair-turistas-negros-22905360>. Acesso em: 20 nov. 2025.

OSTERWALDER, A.; PIGNEUR, Y. *Inovação em Modelos de Negócios*. Rio de Janeiro: Alta Books, 2011.

PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. Modelo de negócios com impacto social. *RAE-Revista de Administração de Empresas*, [s.l.], v. 56, n. 2, p. 209-225, 2016. Disponível em: <https://doi.org/10.1590/S0034-759020160207>.

PIPE SOCIAL. *Startups*. 2020. Disponível em: <https://pipe.social/startup/busca>. Acesso em: 20 nov. 2025.

PIPE SOCIAL. O que são negócios de impacto: características que definem os negócios de impacto. *Instituto de Cidadania Empresarial*, São Paulo, 2019.

RAHMAN, M.; HUSSAIN, M. Social business, accountability, and performance reporting. *Humanomics*, [s.l.], v. 28, n. 2, p. 118-132, 2012. Disponível em: <https://doi.org/10.1108/08288661211228889>. Acesso em: 20 nov. 2025.

ROSOLEN, T.; TISCOSKI, G. P.; COMINI, G. M. Empreendedorismo social e negócios sociais: Um estudo bibliométrico da produção nacional e internacional. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, [s.l.], v. 3, n. 1, 2014. Disponível em: <https://periodicos.ufba.br/index.php/rigs/article/view/8994>. Acesso em: 20 nov. 2025.

SILVA, N. G. F.; MENDONÇA, P. M. E. Negócios de Impacto Social e a Interação com o Setor Público: A Experiência do Projeto Composta São Paulo. *Revista Interdisciplinar de Gestão Social*, [s.l.], v. 8, n. 2, 2019. Disponível em: <https://revbaianaenferm.ufba.br/index.php/rigs/article/view/26397>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TEODÓSIO, A. S.; COMINI, G. Inclusive business and poverty: Prospects in the Brazilian context. *RAUSP-Revista de Administração da Universidade de São Paulo*, [s.l.], v. 47, n. 3, p. 410-421, 2012. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rausp/a/J8BSxhpjGyCPLqNhrXKVWwq/?format=html&lang=en>. Acesso em: 20 nov. 2025.

TRINDADE, E. Inovadoras e ágeis, startups crescem exponencialmente na pandemia. *Folha de São Paulo*, 2020. Disponível em: <https://www1.folha.uol.com.br/empreendedorsocial/2020/04/inovadoras-e-ageis-startups-crescem-exponencialmente-na-pandemia.shtml>. Acesso em: 20 nov. 2025.

YIN, R. K. *Estudo de Caso: Planejamento e métodos*. Porto Alegre: Bookman, 2015.

YUNUS, M. *Criando um negócio social: Como iniciativas economicamente viáveis podem solucionar os grandes problemas da sociedade*. Rio de Janeiro: Elsevier, 2010.

ABORDAGEM DAS CAPACIDADES COMO MEIO PARA MENSURAÇÃO DA CRIAÇÃO DE VALOR SOCIAL

Clara Braga, José Carlos Lázaro da Silva Filho

Resumo

Esta pesquisa tem como objetivo propor uma ferramenta para medir a “criação” de Valor Social por Empreendimentos ditos como Sociais, baseado na Abordagem das Capacidades de Amartya Sen. Parte-se de que “valor social” é um resultado direto experienciado ou percebido pelo “beneficiários”/usuário da ação social de um empreendimento. Assim na busca desta percepção dos beneficiários, realizou-se um *survey* de experiência utilizou-se a ferramenta de Paul Anand, para mensuração do nível de bem-estar do grupo amostral, sendo acessado 174 beneficiários de 4 ações sociais: adultos em situação de rua; jovens residentes em áreas rurais; crianças e adolescentes e situação de vulnerabilidade social e mulheres em situação de vulnerabilidade social. Considerando os resultados da Análise Fatorial Exploratória, propõe-se uma ferramenta de medição de bem-estar/valor social composto por 4 *construtos*: Afiliação; Controle sobre o ambiente; Segurança Física e Emocional e Trabalho. Os testes estatísticos indicaram ainda a sensibilidade da ferramenta de pesquisa a percepção de capacidades e bem-estar de grupos socioeconômicos. Com isso, podemos dizer que a estudo proposta traz tanto uma contribuição teórica, na discussão de medição de valor social e capacidades, quanto uma contribuição aplicada ao apresentar uma possibilidade de medição de resultados de uma ação social.

Palavras-chave

valor social; bem-estar social; capacidades; empreendedorismo social. abordagem das capacidades.

Abstract This research aims to propose a tool to measure the Creation of Social Value by Enterprises, based on Sen's Capabilities Approach. we assumed that "social value" is a direct result experienced or perceived by the "beneficiaries"/ users of a project's social action. Therefore, in search of this perception of the beneficiaries, an "experiential" survey was conducted using Paul Anand's tool. The tool was applied to 174 beneficiaries of 4 social actions: homeless adults; young people living in rural areas; children and adolescents in situations of social vulnerability; and women in situations of social vulnerability. Paul Anand's tool was used to measure the level of well-being of the sample group. Considering the results of the Exploratory Factor Analysis, a tool to measure well-being/social value is proposed, composed of 4 constructs: Affiliation; Control over the environment; Physical and Emotional Security; and Work. Statistical tests also indicated the sensitivity of the research tool to the perception of capabilities and well-being of socioeconomic groups.

Keywords social value; social well-being; capabilities; social entrepreneurship; capabilities approach.

INTRODUÇÃO

As nações, em menor ou maior grau, registram problemas sociais decorrentes de externalidades negativas dos seus sistemas econômicos. E, como resultado, milhões de pessoas permanecem marginalizadas, levando muitas vezes a situações de pobreza crônica. Dados do Banco Mundial indicam que quase metade da população mundial ainda luta para satisfazer as necessidades básicas (Banco Mundial, 2018). Nesse contexto, o empreendedorismo social tem sido visto como -se como uma alternativa de mudança na realidade social das pessoas que vivem à margem da sociedade, seja pela globalização paradoxal, ineficiência do poder público, do mercado (e a invisibilidade das pessoas ao mesmo) ou de instituições de setor.

A discussão deste conceito já chega a cerca de duas décadas, por exemplo, Austin, Stevenson e Wei-Skillern (2006) definem empreendedorismo social como uma atividade de criação de valor social inovadora que pode ocorrer dentro dos setores sem fins lucrativos, empresariais ou governamentais. Em que o empreendedor social investe em setores que são negligenciados tanto pelo setor de mercado – por proporcionar baixa rentabilidade – e pelo setor público, que, em um contexto de austeridade orçamentária, está buscando reduzir seus gastos (Boutillier, 2009).

No contexto histórico e socioeconômico atual, buscou-se compreender a amplitude dos estudos sobre o empreendedorismo social, em especial, as lacunas identificadas pelos autores que se debruçam sobre o entendimento deste fenômeno. O empreendedorismo social evoluiu de um período inicial de crescimento explosivo, durante o qual a pesquisa

centrou-se nas características organizacionais e fundadoras, até uma etapa que testemunhou o surgimento de instituições que facilitam a formação e crescimento do empreendedorismo social (Ferri; Urbano, 2011). Na última década, enquanto a expansão no número e escopo de empreendimentos sociais continua, há também um esforço conjunto em andamento para verificar se as empresas sociais estão tendo o desempenho esperado (Arogyaswamy, 2017).

Dentro da temática existe alguns pontos críticos de estudos, Sassmannshausen e Volkmann (2013) identificaram que apenas 12% da produção científica sobre o tema tratam da temática de medir efeitos ou resultados (seja “output”, ou “outcome”), isto é, o desempenho e outras consequências da empresa social ou do empreendedorismo social, seu “impacto social”, ou a criação de “valor social”. A precisão na quantificação ou mensuração do resultado social é complicada devido à natureza do fenômeno social, à multicausalidade dos fatores subjacentes e à longa manifestação temporal, entre outros fatores (Austin et al., 2006). O desafio de avaliar os resultados dos empreendimentos sociais, pode ser motivo de frustração para as partes interessadas no setor social, devido à ausência de uma ferramenta para avaliar e divulgar os resultados sociais que cada projeto obtém.

Assim, o desenvolvimento de instrumentos de mensuração quantitativa no Empreendedorismo Social é um dos desafios de pesquisa mais atuais (Sassmannshausen; Volkmann, 2013), que se mantém até hoje. E, tal medição, deve transcender apenas os resultados econômicos, mas oferecer uma medida do desempenho quanto a criação de valor social, que é o principal objetivo do empreendimento social (Abu-Saifan, 2012; Austin et al., 2006; Boutillier, 2008; Dees, 2001; Gaiotto, 2016; Gundry et al., 2011; Hulgard, 2010; Kato et al., 2017; Mair; Marti, 2006; Marti; Osberg, 2007; Medeiros et al., 2017; Seelos; Mair, 2004). Santos (2012) reforça ainda a importância desta mensuração da geração de valor social, para criação de uma teoria positiva e sólida de Empreendedorismo Social.

Isso posto, compreende-se como ponto de partida para a proposição de métricas para criação de valor social e compreender o que é “valor social”. Isto é neste trabalho entende-se que o conceito de “valor social” é sólido, realista, e o tem um histórico na literatura econômica, com o enfoque “micro”, isto é, nas pessoas envolvidas/beneficiadas e suas percepções, sendo um contraponto da nova tendência de usar a expressão “impacto” social, pois historicamente na economia, “impacto” tem uma perspectiva territorial e macro, baseadas em dados socioeconômicos robustos, mas tem sido adotada no campo, especificamente no Brasil, para simplificar o efeito resultado de uma ação, imediata. Um resgate crítico a “criação” do conceito de “Impacto Social” (para ações de filantropia no Brasil), está em referências de publicações e relatórios de Fundações que representam uma busca de uma narrativa de criar um conceito positivo da filantropia e do ESG, em contraponto a emergência dos impactos (ambientais) negativos de grandes empresas.

Diante da variedade semântica da expressão valor social, esta pesquisa utiliza como marco teórico a definição proposta pela *Social Value UK* (2018) que entende valor social como mudanças no bem-estar dos indivíduos (não de um território ou região, ou mesmo de um “grupo”).

Auerswald (2009) sugere a utilização da Abordagem das Capacidades de Amartya Sen para avaliação da criação do Valor Social, afirmando esta abordagem amplia fundamentalmente

o escopo de informações sobre quais determinações de valor social podem ser baseadas, sugerindo métricas potenciais para a criação de valor que vão além do valor monetário. Destaca-se que a abordagem das Capacidades tem o potencial de medir a criação de valor social e o desempenho de projetos, organizações ou intervenções, de uma forma mais científica (Kato et al., 2017; Kuklys: Robeyns, 2004). A Teoria das Capacidades de Sen (2003) baseia-se na avaliação da mudança social em termos do enriquecimento da vida humana. Considerando que bem-estar ou qualidade da vida humana é uma questão multidimensional e não pode ser levada em conta apenas a acumulação de mercadorias e rendimentos.

Diante das afirmativas apresenta-se como questão de pesquisa: Como medir a criação do valor social dos Empreendimentos Sociais a partir da Abordagem das Capacidades de Amartya Sen?

Para responder esta questão propomos aqui a ida ao campo para coletar a percepção dos “beneficiários” de ações sociais, por meio de questionários (*survey* de experiências) baseado nos constructos de Capacidade desenvolvidos por Anand e seus colegas (2009), e analisar a possibilidade, suando esses constructos medir o valor social percebido pelos beneficiários.

O trabalho está dividido em 3 seções. Na primeira seção, é apresentado o embasamento teórico, sob o qual o fenômeno criação de valor social pelos Empreendimentos Sociais é estudado, na seção subsequente os procedimentos metodológicos são apresentados. Em sequência, são apresentados os resultados da pesquisa e as principais conclusões.

EMBASAMENTO TEÓRICO-CONCEITUAL

A pesquisa possui como tripé as teorias relacionadas ao fenômeno Empreendedorismo Social, ao Conceito de Valor Social e a Abordagem das Capacidades de Amartya Sen. Assim, esta seção, propõe-se a apresentar os marcos conceituais relativos às referidas temáticas como ponto de partida para compreensão da problemática – Como medir a criação do valor social dos Empreendimentos Sociais – e desenvolvimento da pesquisa empírica para atendimento ao objetivo de pesquisa – Propor uma ferramenta para medir a Criação de Valor Social por Empreendimentos Sociais, baseado na “Abordagem da Capacidades de Sen” (*Sen’s Capability Approach*).

EMPREENDEDORISMO SOCIAL

Petrini, Scherer e Back (2016) registram que um dos primeiros desafios ao se realizar uma pesquisa sobre empreendedorismo social, são os diferentes termos e nomenclatura relacionados a este fenômeno, como: negócio de impacto social, empresa social, negócios para a base da pirâmide, negócios sociais ou negócios inclusivos. É importante registrar que o empreendedorismo social não é definido por uma forma jurídica, visto que pode ser constituído de várias maneiras. Na verdade, exemplos de empreendimentos sociais podem ser encontrados dentro dos setores sem fins lucrativos, empresariais ou governamentais (Boutillier, 2009).

Uma das questões centrais da literatura acadêmica sobre empreendedorismo social tem convergido para explicitar como a “missão central” desses empreendimentos, isto é a ação social real criar, desenvolve ou “maximiza” o valor social (Parente et al., 2013; Peredo; Mclean, 2006). A convergência de análise acadêmica focada no processo e intenção dos empreendimentos (uma “teoria da mudança”) vem sendo aceita na prática, tanto pelas próprias organizações e seus financiadores, com a base de legitimação de que as ações dessas organizações entidade são socialmente desejáveis ou apropriadas (Parente et al., 2013).

Entende-se, no entanto, que é necessário desenvolver medidas práticas e significativas que captem o seu desempenho e efeito e reflitam os objetivos perseguidos (Arena *et al.*, 2015; Arogyaswamy, 2017; Brouard, 2006; Brouard et al., 2012; Certo; Miller, 2008; Mair; Marti, 2006, Parente et al., 2013; Seelos; Mair, 2004).

Essa necessidade, por outro lado, tem na literatura a compreensão que são inerentemente difíceis e complexo medir o desempenho dos Empreendimentos Sociais, tanto na perspectiva criação de valor social para um indivíduo (baseado no valores compartilhados com sua comunidade ao redor), e mais ainda um real impacto social na sociedade, visto a complexidade metodológica de análise comparativa e isolamento de causalidades diversas e difusas que se encontram no ambiente de intervenção da organização (Bernardino et al., 2017; Comini et al., 2012; Choi; Majumdar, 2014; Davis, 2002; Dees, 2001; Mair; Marti, 2006).

VALOR SOCIAL

Na literatura econômica a palavra “valor” como algo que é valioso e que se pode usar ou trocar. (Lucas; Passos, 2015; Pedro, 2014). Na filosofia, o valor é estudado pela axiologia (teoria do valor). Hessen (1980, p. 47) registra que “valor é sempre valor para alguém. Valor é a qualidade de uma coisa, que só pode pertencer-lhe em função de um sujeito dotado com uma consciência capaz de a registrar”. O valor é um lado uma percepção ou experiência individual, no entanto é ao mesmo tempo uma construção social do ambiente, da cultura, da comunidade ao seu redor. Nesse entendimento “valor, em termos gerais e bastante simplificados, está no juízo do sujeito que valora e não no objeto ou na ação humana valorado” (Lucas; Passos, 2015, p. 136). Corroborando com o entendimento, Frondizi (1986) destaca que a valoração dada na relação objeto - sujeito é situacional, dessa forma, uma mudança de situação (componentes do contexto: ambiente físico, ambiente cultural, necessidades, fator tempo-espaco, problemas morais) pode mudar a percepção.

Na sociologia, Schwartz (2006) afirma que as ciências sociais padecem devido à falta de consenso sobre a definição de valores; seu conteúdo; assim como a falta de métodos fiáveis para medir os valores. Schwartz (2006) apresenta, uma proposta de hierarquia de valores elaborada com base em seu estudo empírico em que indica 10 valores “universais”, presentes em todas as culturas, listados em uma ordem de prioridade. A partir da proposta de hierarquia de valores de Schwartz (2006) identifica-se que os 2 primeiros valores da hierarquia estão relacionados ao bem-estar, seja na perspectiva individual ou social.

Considerando o exposto, verifica-se que o entendimento de valor na concepção filosófica, sociológica e econômica guarda um ponto de congruência importante: o valor é valor para um sujeito, que deve ser entendido como o ser humano como um todo, logo o valor é algo socialmente construído. Visando estabelecer um marco referencial para entendimento de Valor Social, elenca-se no Quadro 1 definições propostas por diversos autores.

Quadro 1 – Definições/entendimento do conceito valor social

Autoria	Conceito de Valor Social/Criação de Valor Social
Emerson e Cajab (2001).	Criação de valor se traduz na melhoria das condições de vida dos indivíduos ou sociedade como um todo por meio da combinação dos recursos, <i>inputs</i> , processos ou políticas.
Peredo e Mclean (2006).	Contribuição para o bem-estar ou bem-estar em uma dada comunidade humana.
Mair e Noboa (2006).	A criação de valor social pode ser definida como a solução ou o alívio de um problema social.
Certo e Miller (2008).	Valor social são as necessidades básicas e antigas da sociedade. O valor social envolve o cumprimento de necessidades básicas e de longa duração aos membros da sociedade que estão em necessidade.
Comini et al (2012).	Valor social pode ser entendido como indicadores intangíveis (como cidadania, autoestima, capital social).
Felício et al. (2013).	O valor social refere-se aos bens e serviços necessários fornecidos por organizações com fins sociais, como promover o desenvolvimento comunitário, defender políticas mais inclusivas e mais justas, ou lidar com uma variedade de outros problemas sociais (p. 214).
Social Value UK (2018).	O valor social é a quantificação da importância relativa que as pessoas atribuem às mudanças que experimentam em suas vidas. Alguns, mas nem todo esse valor é capturado nos preços de mercado. É importante considerar e medir esse valor social na perspectiva daqueles afetados pelo trabalho de uma organização.

Fonte: elaboração própria

A partir das definições de valor social e criação de valor social, e apesar de certa diversidade de elementos constitutivos deste conceito, verifica-se que a maioria dos autores quando tratam de valor social se referem a atributos intangíveis, pessoais (“das pessoas”), mas compartilhado (de uma dada comunidade”).

Assim, corroborando com a literatura, entende-se a criação de valor social como uma mudança para as pessoas (na percepção delas, no contexto de valores de sua comunidade), mais especificamente, mudanças no bem-estar das pessoas beneficiadas pela ação dos empreendimentos sociais. (Social Value UK, 2018b). E, isto posto, recorre-se as abordagens das escolas econômicas de bem-estar social, e propõe-se na abordagem das Capacidades de Amartya Sen alinhamento teórico para estudar as mudanças de bem-estar, sob uma perspectiva multidimensional, não focada apenas na perspectiva renda.

Partindo-se, então, da proposição de bem-estar, como um valor social (compartilhado) percebível e experienciado pelas pessoas (público ao qual é direcionado a uma ação de um empreendimento social), propõe-se medir o valor social, desconstruindo este por meio das “capacidades” efetivadas (percebidas) por cada pessoa, indivíduo, beneficiado pela ação social proposta pela empreendimento social. Em uma situação metodológica ótima, a criação ou melhoria do valor social, pode ser um comparativo – “melhoria” – entre a situação de bem-estar do indivíduo antes e após a ação.

ABORDAGEM DAS CAPACIDADES DE AMARTYA SEN

A Teoria das Capacidades de Amartya Sen (2003), baseia-se na avaliação da mudança social em termos do “enriquecimento” da vida humana (enriquecimento este que se propõe aqui como aumento de valor), o que estabelece as bases teóricas para fazer comparações interpessoais de bem-estar. Amartya Sen (2010) destaca que a avaliação da qualidade de vida não pode ser levada em conta apenas como a acumulação de mercadorias e rendimentos, assim a abordagem de capacidades difere de outras abordagens porque não se concentra na quantidade de insumos ou recursos que um indivíduo possui, mas considera a capacidade do indivíduo de converter recursos em resultados, algo considerado valioso para o indivíduo (Kato et al., 2017).

Os conceitos de “capacidades” e “efetivações” são centrais na Teoria das Capacidades. As capacidades de uma pessoa consistem na liberdade substantiva de realizar combinações de alternativas de “funcionamentos/efetivações”, de maneira de “estar bem”. A ideia de “capacidades” opera em duas perspectivas: o “bem-estar realizado”, que é medido pelas “efetivações”, o estar bem de diferentes maneiras, e o “bem-estar potencial” ou viável, que é medido por “capacidades”, considerada como um conjunto de efetivações, que potencializa o estar bem. O autor (Sen, 2010) argumenta que as “instituições” devem ser avaliadas a partir da contribuição delas na expansão e garantia das liberdades substantivas, as capacidades.

A filósofa, colega e colaboradora de Amartya Sen, Martha Nussbaum defende uma lista de “capacidades centrais” que são essenciais para qualquer ser humano viver uma vida digna. Kato, Ashley e Weaver (2017) destacam que não há listagem de capacidades ou efetivações universalmente aceitas, mas que diversas propostas são apresentadas por outros trabalhos. Vale ressaltar, contudo que a lista de Capacidades de Nussbaum é considerada por Anand et al. (2009), a tentativa mais concreta de fornecer uma explicação das capacidades substantivas, levando em conta especialmente as alegações de abrangência e universalidade.

É relevante registrar que os pesquisadores Kato, Ashley e Weaver (2017) indicam que a abordagem das capacidades tem um potencial de utilização na avaliação de projetos sociais ou empreendimentos sociais, pois segundo os autores a abordagem das capacidades tem a qualidade de ser particularmente perspicaz para a mensuração do valor social por meio da: inclusão do contexto social; a capacidade de medir com base na perspectiva do beneficiário; permite que as pessoas descrevam o que é desejado e valorizado, o que está disponível e o que pode ser alcançado em relação ao bem-estar; ter a capacidade de visão holística da vida

de um beneficiário; pode ajudar a incluir informações sobre como um projeto pode afetar a vida de uma população-alvo sob a perspectiva dos beneficiários (Kato et al., 2017).

Diversos estudos empíricos realizados utilizando a Abordagem das Capacidades, permitem identificar a utilização da referida abordagem nas mais diversas formas, considerando estratégias metodológicas, tipos de coleta e análise de dados, assim como contextos demográficos diferentes em que foram aplicados (Martinetti, 2000; Lelli, 2001; Anand; Van Hees, 2006; Anand; Santos; Smith, 2007; Anand et al., 2009; Anand et al. 2011; Van Ootegem; Verhofstadt, 2012; Rippin, 2016; Mitchell et al., 2017; Anand et al., 2020).

MEDIDA DE BEM-ESTAR DE PAUL ANAND ET AL. (2011)

Paul Anand, em parceria com diversos autores, vem desenvolvendo um questionário para mensuração de bem-estar social, desde 2006, executando a cada aplicação melhorias na ferramenta de pesquisa no processo de construção científica.

Anand, Krishnakumar e Tran (2011) contribuem para a operacionalização da abordagem para a economia do bem-estar, desenvolvendo e analisando dados sobre as liberdades dos adultos na Argentina. Os autores desenvolvem uma medida resumida de Capacidade (Q), fazendo às pessoas uma variedade de perguntas sobre suas oportunidades, habilidades e restrições em uma ampla variedade de domínios da vida (dimensões). Os dados utilizados derivam de uma amostra nacional de 976 adultos, em cinco áreas urbanas da Argentina, que receberam, em 2007, a versão do instrumento de pesquisa desenvolvido especificamente por Anand et al. (2009) para medir capacidades em uma ampla gama de domínios da vida, cuja publicação dos resultados deu-se em 2009.

Buscando aperfeiçoar o desenho do modelo, Anand e seus colegas (Anand et al., 2011) propõem relações de influência indicando que a resposta à questão das capacidades é uma avaliação subjetiva e que é provável que ela seja influenciada pela personalidade de um indivíduo, características sociodemográficas e experiências de vida anteriores (Anand et al., 2011).

PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS

Numa perspectiva epistemológica, em princípio, os fenômenos sociais podem ser definidos em termos individuais e, num entendimento da ontologia do fenômeno social, entende-se que os fenômenos sociais são causados por indivíduos (Sell, 2016). Assim, partindo-se do individualismo ontológico, epistemológico e metodológico do conceito e do fenômeno social, esta pesquisa utiliza nos princípios do pensamento social de Max Weber (1994) – individualismo metodológico – no sentido que conceitos coletivos são construções metafóricas para descrever ações similares ou conjunta de indivíduos.

Quanto ao entendimento do fenômeno Empreendedorismo Social, este trabalho parte do entendimento da Escola Anglo-saxã (Defourny; Nyssens, 2011; Hoogendoorn et

al., 2010; Petrini et al., 2016) em que o empreendedorismo social se refere principalmente às atividades econômicas que atendem a um objetivo social, independentemente da estrutura legal ou setor. Dessa forma, os empreendimentos sociais participantes da fase empírica desta pesquisa, possuem como objetivo central a criação de valor social, não havendo restrição quanto à sua forma legal de constituição ou se constituem-se como organizações sem fins lucrativos ou híbridos – sejam OS; Organização Não Governamental (ONG); Organização da Sociedade Civil de Interesse Público (OSCIP) ou Organização da Sociedade Civil (OSC).

Classifica-se esta pesquisa quanto ao objetivo, do tipo descritiva, quantitativa, quanto ao processo da pesquisa – maneira pela qual se coletará e analisará os dados focada na mensuração de um fenômeno (Collis; Hussey, 2005). Trata-se de um Survey Interseccional (Barbie, 2005) cujo objetivo é exploratório-descritivo, que se tem como unidade de análise “os beneficiários de ações de empreendimentos sociais”, assim tal questionário proposto por Anand et al. (2011) se mostra claramente como um “survey de experiências” (Gil, Reis Neto, 2021), isto é, um questionário onde se tenta quantificar em escalas percepções ou experiências “qualitativas”. Como método de coleta de dados, utilizou-se de a) questionário aplicado por meio de distribuição em grupo (Collis; Hussey, 2005), utilizado para coleta de informações no “Questionário de Medida de Bem-Estar”, que possibilitou a aplicação da ferramenta de pesquisa em grupos.

A ferramenta de coleta de dados, com 61 questões (42, sobre percepção de Capacidades; 7, Indicadores Sociodemográficos; 12, sobre experiências passadas e 10 de traços de personalidade) tiveram suas questões submetidas aos respondentes na mesma estrutura e sequenciamento utilizados pelos autores Anand et al. (2011). Dentre as 42 questões sobre percepção de capacidade, as questões C1, C16, C17, C20 a C29 e C32 e C33, tiveram seus valores invertidos, tendo em vista que possuem conotação negativa quanto à percepção de capacidades. Os valores omissos foram substituídos pela média do grupo de respondentes, para a referida questão.

A ferramenta de coleta de dados elaborada, em versão original na língua inglesa, por Anand et al. (2011), foi traduzida para o português e intitulada “Questionário de Medida de Bem-Estar”. Para adequação da ferramenta, visando a aplicação à respondentes brasileiros, fez-se uso do método de tradução “Back Translation, que para Deliza, Rosenthal e Costa (2003, p. 44), “esta técnica garante tradução mais precisa e confiável do instrumento”.

Ao todo, foram aplicados 181 questionários. Foi arbitrado pelo pesquisador que questionários que apresentarem questões não respondidas (valores omissos) superior a 15% do total de questões da escala de mensuração de bem-estar de Anand et al. (2011) serão invalidados, ou seja, serão excluídos da amostra os questionários que apresentarem 6 ou mais questões não respondidas, o que levou à exclusão de 7 questionários. Assim, a amostra final utilizada na pesquisa corresponde a 174 formulários válidos, dos quais 78 respondentes eram pessoas em situação de rua beneficiárias do IMH/CCPOP [1]; 28, jovens de área rural do litoral leste do Ceará, beneficiadas pela ADEL [2]; 37, crianças e adolescentes de 06 a 17 anos de idade em situação de vulnerabilidade social do ABC Modubim [3]. E, 31 pessoas,

em sua maioria mulheres, em situação de vulnerabilidade social que vivem na área urbana do município de Pacajús, beneficiárias de um programa de desenvolvimento de competências de empreendedorismo através do Projeto Cajulab, com apoio da Social Brasilis [4].

Para análise estatística dos dados obtidos, utilizou-se o pacote estatístico *Statistical Package for the Social Sciences* (SPSS) e AMOS. Foi realizada a análise fatorial exploratória, e a partir do teste de *Kayser, Meyer, Olkin* (KMO), as respostas serão submetidas às análises estatísticas de componentes principal com rotação ortogonal para verificação da validade. As respostas dos participantes foram submetidas à análise dos eixos principais com rotações oblíquas (*promax*) e ortogonal (*varimax*), a primeira para testar as intercorrelações entre os fatores e a segunda para extraí-los, a partir de cargas fatoriais superiores a 0,45, considerando sugestão de Hair et al. (2009) para amostra inferior a 200 observações e autovalores superior a 1,0.

Como estratégia metodológica, para identificar o melhor número de fatores foi executada a *Minimum Average Partial* (MAP) de Velicer (1976) e Análise Paralela (Parallel Analysis) de O'Connor (2000) e Ledesma e Valero-Mora (2007). Para efetuar a análise paralela foi utilizado o algoritmo de O'Connor (2000) como sintaxe no IBM SPSS *Statistics* v. 20.0. Uma vez realizada a validação do *construto*, foi realizado o exame de fidedignidade da escala, obtido pelo Coeficiente Alfa de Cronbach (α).

O índice de Liberdade/bem-estar pessoal foi calculado pela média aritmética das respostas às questões do Questionário de Pesquisa, resultantes após análise fatorial. E o cálculo do índice de cada Capacidade Essencial pela média aritmética das questões que estão relacionadas a cada *construto*.

Após tais procedimentos, e considerando a afirmativa de Anand et al. (2011) que traços de personalidade e experiências passadas tem relação com a percepção dos indivíduos sobre seu bem-estar, realizou-se a Análise de Regressão Linear Múltipla.

No modelo, o índice de bem-estar, calculado a partir da média aritmética das variáveis resultantes do modelo foi utilizada como variável dependente na Análise de Regressão Múltipla, e as variáveis: experiências passadas: média aritmética das 12 questões; 5 traços de personalidade; variáveis sociodemográficas; renda; situação de trabalho; situação de domicílio; sexo; raça, como variáveis independentes.

Em seguida, foi realizada teste de médias – ANOVA, visando verificar se há diferenças na percepção de liberdade/bem-estar entre os grupos de respondentes.

RESULTADOS DA PESQUISA

ANÁLISE FATORIAL EXPLORATÓRIA

A estatística KMO, uma medida de adequação da amostra, tem o valor de 0,737, o que nos leva a afirmar que a análise dos fatores é apropriada para esses dados. O teste de

Esfericidade de Bartlett apresentou resultado significativo ($p < 0,001$) indicando a existência de relacionamento entre as variáveis em análise. Os resultados indicaram que apenas 2 fatores geraram um coeficiente superior a 0,7. Adicionado aos resultados do Coeficiente de Confiabilidade, registra-se que os *construtos* gerados não foram conceitualmente suportados pela literatura considerando a relação entre variáveis agrupadas em 11 dos 13 *construtos*.

Considerando os resultados foi realizado o Método MAP de Velicer (1976) para definir o melhor número de fatores a serem extraídos (Garrido; Abad; Ponsoda, 2011). Ao executar a *Syntax* na base de dados, para a amostra estudada, o modelo sugere que o número de componentes de acordo com o teste MAP original (1976) e teste MAP revisado (2000) é de 4 fatores. Assim, diante da divergência entre o número de fatores gerados em uma Análise Fatorial Exploratória (13 fatores) e o Método MAP (4 fatores), realizou-se o Método de Análise Paralela (Parallel Analysis) de O'Connor (2000) e Ledesma; Valero-Mora (2007) (Garrido; Abad; Ponsoda, 2011). Para efetuar a análise paralela, foi utilizado o algoritmo de O'Connor (2000) como sintaxe no IBM SPSS Statistics v. 20.0.

Para a amostra estudada, o método de Análise Paralela, propõe a extração de 4 fatores. Corroborando com os resultados do Método MAP. A partir desses resultados, realizou-se a Análise Fatorial Exploratória, pelo método PROMAX e VARIMAX, através da extração dos fatores a partir do critério de autovalor superior a 1 e número de fatores igual a 4.

A matriz de componentes realizou a exclusão de todas as variáveis com carga menor que 0,45. Registra-se que o resultado de ambos os métodos de rotação (promax e varimax), resultou em igual agrupamento de fatores. Em seguida, visando analisar confiabilidade dos *construtos*, foi realizado o teste de Alfa de Cronbach.

Tabela 1 – Teste de confiabilidade

Construto	Alfa de Cronbach	Alfa de Cronbach baseado em itens padronizados	Número de variáveis
Fator 1 - Afiliação	,900	,901	10
Fator 2 – Controle sobre o Ambiente	,748	,758	10
Fator 3 – Segurança Física e Emocional	,283	,645*	5
Fator 4 - Trabalho	,588	,607	5

Fonte: elaboração própria

Nota:* O coeficiente após a exclusão da variável C32. Coeficiente Alfa de Cronbach com 6 variáveis tem valor de ,399

Hair et al. (2009) destacam que o escore de confiabilidade de uma escala, medido pelo Alfa de Cronbach, deve exceder uma referência de 0,70, os autores afirmam, contudo, que em pesquisas exploratórias um nível de 0,60 pode ser utilizado. Diante do exposto, todos os 4 fatores gerados, atendem ao requisito de avaliação de consistência entre as múltiplas medidas de uma variável.

O Fator 1, Afiliação, relaciona-se com a Capacidade Essencial de Nussbaum (2003), Afiliação, no entendimento de ser capaz de ter bases sociais de autorrespeito e não humilhação, sendo tratado como um ser digno cujo valor é igual ao dos outros.

Nomeia-se o Fator 2 como Controle sobre o Ambiente, em relação a definição proposta por Nussbaum (2003) de ser capaz de fazer escolhas acerca das questões diversas que governam a vida do indivíduo: trabalho, política, religião, expressão e associação.

O Terceiro Fator foi denominado Segurança Física e Emocional, que tem referência na teoria de Nussbaum (2003) agrupando o conceito de 02 Capacidades Essenciais: [1] Integridade física, quanto a sensação de segurança – estar seguro contra-ataques violentos; [2] Emoções, definido como a percepção de não ter o desenvolvimento emocional arruinado pelo medo e pela ansiedade. A variável C32 (Você recentemente tem perdido muito sono por causa de preocupação?) foi extraída no Fator 3 (Carga Fatorial = -,483), contudo foi excluída do modelo, após teste de confiabilidade através do Coeficiente Alfa de Cronbach relatar uma maior confiabilidade do fator, caso sua exclusão.

O Fator 4 foi denominado Trabalho, tendo como base teórica as Capacidade Essenciais de Nussbaum (2003), esse fator estaria relacionado à Capacidade Controle sobre o Meio, no que concerne a definição: no trabalho, ser capaz de trabalhar como ser humano, exercitando sua razão prática e estabelecendo relações significativas de reconhecimento mútuo com os outros trabalhadores.

Quadro 2 – Escala de bem-estar social para empreendimentos sociais

Fatores	Variáveis
Afiliação	CP22 - Ao procurar trabalho no futuro, qual a probabilidade de você sofrer discriminação por causa de seu gênero?; CP25 - Fora de qualquer situação de emprego ou trabalho, você acha que no futuro será discriminado por causa de sua raça?; CP26 - Fora de qualquer situação de emprego ou trabalho, você acha que no futuro será discriminado por causa de sua orientação sexual?; CP21 - Ao procurar trabalho no futuro, qual a probabilidade de você sofrer discriminação por causa de sua orientação sexual?; CP28 - Fora de qualquer situação de emprego ou trabalho, você acha que no futuro você será discriminado por causa de sua religião?; CP27 - Fora de qualquer situação de emprego ou trabalho, você acha que no futuro será discriminado por causa de seu gênero?; CP23 - Ao procurar trabalho no futuro, qual a probabilidade de você sofrer discriminação por causa de sua religião?; CP20 - Ao procurar trabalho no futuro, qual a probabilidade de você sofrer discriminação por causa de sua raça?; CP29 - Fora de qualquer situação de emprego ou trabalho, você acha que no futuro será discriminado contra por causa da sua idade? E CP24 - Ao procurar trabalho no futuro, qual a probabilidade de você sofrer discriminação por causa da sua idade?

Fatores	Variáveis
Controle sobre o ambiente	CP31 - Eu respeito, valorizo e aprecio outras pessoas; CP4 - Sou livre para praticar minha religião como quiser; CP19 - Você já procurou emprego?; CP38 - Com que frequência você avalia, se é que avalia, como você conduz sua vida e para onde você está indo na vida?; CP3 - Eu posso participar das atividades políticas que afetam minha vida se eu quiser; CP2 - Sou livre para expressar minhas opiniões políticas; CP36 - Com que frequência você usa sua imaginação e/ou raciocínio no seu dia a dia?; CP37 - Eu tenho um plano claro de como quero que minha vida seja; E CP8 - Aprecio e valorizo plantas, animais e o mundo da natureza
Segurança Física e Emocional	CP14 - Por favor, indique o quão seguro você se sente andando sozinho nos arredores de sua casa durante o dia?; CP15 - Indique como você se sente seguro andando sozinho nos arredores de sua casa depois de escurecer; CP34 - Você recentemente tem desfrutado de suas atividades de lazer?; CP33 - Você recentemente tem se sentido sob tensão?; E CP6 - Atualmente, quão fácil ou difícil é para você desfrutar do amor, cuidado e apoio de sua família imediata?
Trabalho	CP42 - No trabalho, você é tratado com respeito?; CP41 - Até que ponto seu trabalho faz uso de suas habilidades e talentos?; CP13 - Você recentemente tem pensado em si como uma pessoa sem valor?; CP30 - Você costuma achar fácil ou difícil se relacionar com seus colegas de trabalho?; e CP35 - A sua moradia atual é adequada ou inadequada a suas necessidades atuais?

Fonte: elaboração própria.

A partir de tal modelo, realiza-se a Análise de Regressão Linear Múltipla, tendo como variável dependente Índice de Bem-Estar, e as variáveis: (1) experiências passadas – média aritmética das 12 questões; (2) 5 traços de personalidade e c) variáveis sociodemográficas (3) renda, (4) situação de trabalho, (5) situação de domicílio, (6) sexo e (7) raça, como variáveis independentes.

REGRESSÃO LINEAR: RELAÇÃO ENTRE BEM-ESTAR E VARIÁVEIS SOCIODEMOGRÁFICAS

No modelo tem-se como variável dependente o índice de bem-estar e como variáveis preditoras (1) os 5 traços de personalidade de Gosling e Rentfrow (2003), (2) experiências passadas, e variáveis sociodemográficas: (3) renda, (4) situação de trabalho, (5) situação de domicílio, (6) sexo e (7) raça.

Tabela 2 – Sumário do modelo de regressão

Modelo	R	R ²	R ² Ajustado	Erro padrão das Estimativas	Estatística de Mudança					Durbin-Watson
					R ² Mudança	F Mudança	df1	df2	Sig. F Mudança	
1	,594 ^a	,353	,253	,41992	,353	3,527	19	123	,000	1,729

Fonte: elaboração própria

Considerando o valor do R^2 pode-se afirmar que 35% da variação da variável dependente são explicadas por variações nas variáveis independentes. Afirma-se ainda, pelos resultados da Anova ($F=3,527$, valor- $p=0,000$), que o modelo adere de forma significativa aos dados.

Tabela 3 – Coeficientes de regressão entre índice de bem-estar social e variáveis de traços de personalidade, experiências passadas e sociodemográficas

Modelo	Coeficientes não Padronizados		Coeficiente Padronizado	t	Sig.	95,0% Intervalo de confiança para B	
	B	Erro padrão	Beta			Limite Inferior	Limite Superior
(Constant)	2,666	,228		11,712	,000	2,215	3,117
Traço de Personalidade - Extroversão	,035	,019	,145	1,858	,066	-,002	,073
Traço de Personalidade – Emocionalmente Estável	-,042	,020	-,167	-2,103	,037	-,082	-,002
Experiências Passadas	-,784	,155	-,403	-5,055	,000	-1,091	-,477

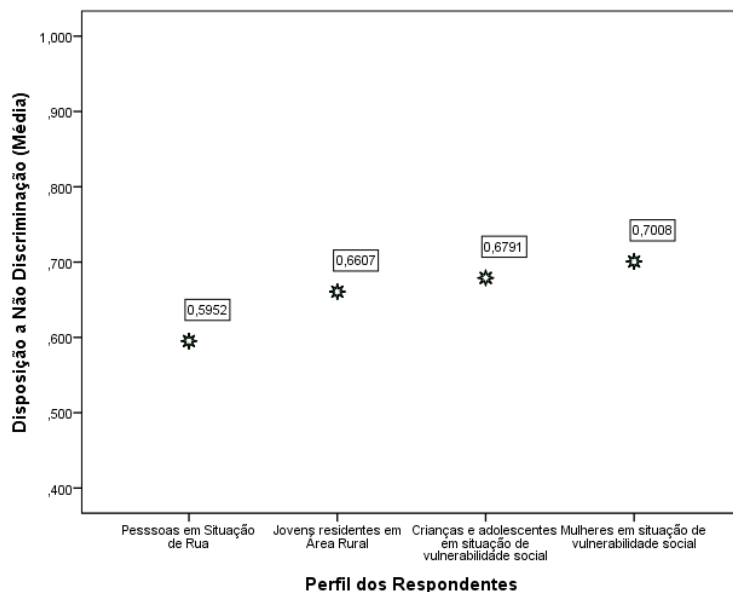
Fonte: elaboração própria.

Os resultados corroboram com Anand et al. (2011) de que a percepção de bem-estar é influenciada pelos traços de personalidade do respondente. A relação indica que quanto maiores os traços de personalidade de extroversão, maior a percepção de liberdade do indivíduo. O inverso acontece entre aqueles com valores maiores nos traços de personalidade relacionados a estabilidade emocional, se menos estável, maior a percepção de liberdade. Registra-se ainda que, aqueles que tem experiências anteriores negativas, tendem a ter uma percepção de liberdade menor. Esses resultados são importantes, visto que na proposição do indicador de bem-estar social, seu modelo deverá considerar as influências dos traços de personalidade e das experiências passadas, para mensuração da percepção de liberdade.

ÍNDICE DE BEM-ESTAR SOCIAL/LIBERDADE

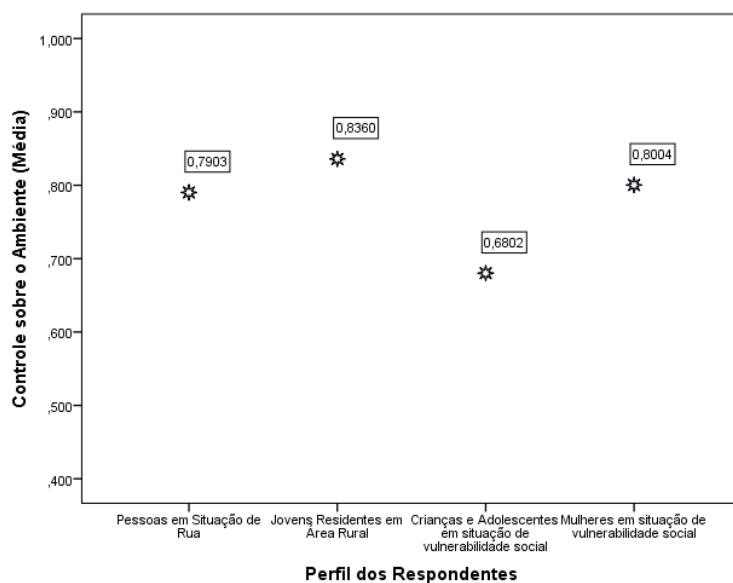
Visando analisar a sensibilidade da ferramenta de pesquisa para comparar grupos diversos, com níveis de capacidade, liberdades ou bem-estar diferentes, foi realizado teste de médias – ANOVA, comparando as médias das percepções dos respondentes dos seguintes empreendimentos: [1] IMH/CCPOP [2] ADEL [3] IMH/ABC MODUBIM [4] CAJULAB/SOCIAL BRASILIS. Nesta fase da pesquisa, parametrizou-se as variáveis para valores de 0 a 1, proporcionando um índice de fácil compreensão sobre seus limites mínimo e máximo. Cada variável corresponde à média aritmética das respostas às questões de cada *construto*.

Figura 1 – Afiliação: média por perfil de respondente



Fonte: elaboração própria.

Figura 2 – Controle sobre o ambiente: média por perfil de respondente



Fonte: elaboração própria.

Quanto à capacidade relacionada à Afiliação, tem-se um indicador de 0,5952 entre as pessoas em situação de rua; 0,6607 entre jovens residentes em área rural; 0,6791 entre

crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e 0,7008 entre mulheres em situação de vulnerabilidade social. Os resultados da estatística descritiva indicam que as [1] pessoas em situação de rua possuem percepção menor relacionada a *Afiliação*, cujas características estão relacionadas especialmente à disposição a não discriminação. Contudo, o teste de média – ANOVA – a partir do teste Turkey HSD – não foi registrada diferença significativa entre as médias.

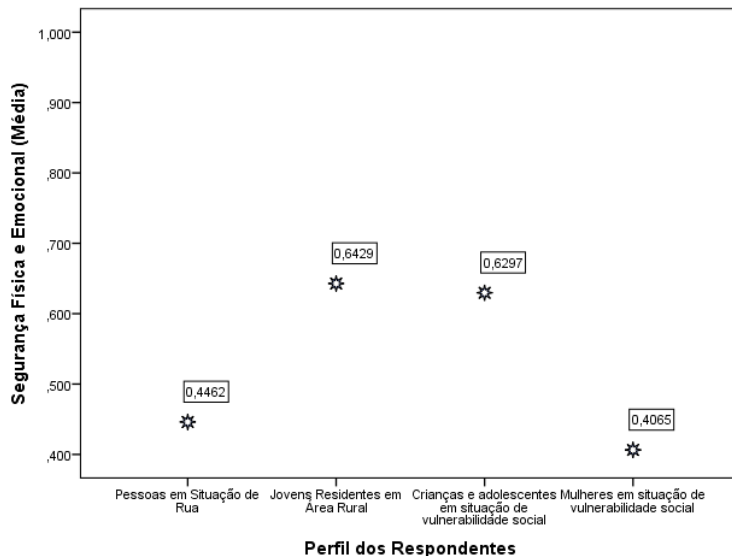
Por meio dos dados da pesquisa, gerou-se um indicador de Controle sobre o Ambiente de 0,7903 entre as pessoas em situação de rua; 0,8360 entre jovens residentes em área rural; 0,6802 entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e 0,8004 entre mulheres em situação de vulnerabilidade social. A estatística descritiva indica uma média menor da capacidade *Controle Sobre o Ambiente*, entre as [3] crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social, em relação aos demais grupos pesquisados. *Controle sobre o Ambiente* significa a capacidade de fazer escolhas políticas que governam a vida de uma pessoa; tendo o direito de participação política, proteções de liberdade de expressão e associação; ser capaz de possuir bens. Por meio do teste de média – ANOVA – registra-se que a capacidade *Controle sobre o Ambiente* são, em média, significativamente menores entre as [3] crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social em relação aos demais grupo de respondentes.

Sanches (2015, p. 13) afirma que

O regime das incapacidades para o exercício pessoal de determinados direitos, previsto nas normas civis, em face da ausência de discernimento ou imaturidade dos doentes psíquicos e os menores de determinada idade, tendo como finalidade precípua o intuito de resguardar o patrimônio do incapaz e a segurança das relações jurídicas, dificultou o reconhecimento de que seus interesses deveriam subordinar a família, sociedade e o Estado.

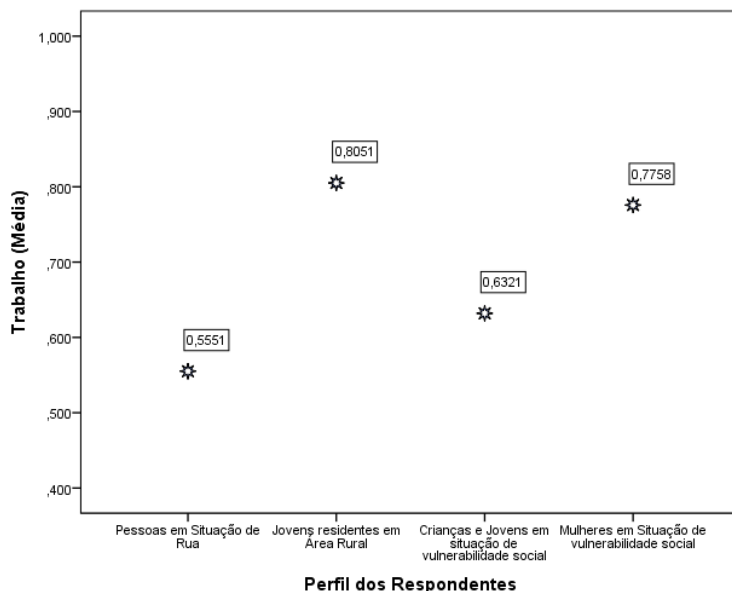
Os resultados da pesquisa corroboram com a afirmação de Sanches (2015), indicando que a percepção das [3] crianças e jovens respondentes no que concerne ao exercício de sua liberdade de escolha sobre as questões que governam sua vida é menor que entre os demais grupos pesquisados cujo perfil etário pode ser considerado de adultos.

Figura 3 – Segurança física e emocional: média por perfil de respondente



Fonte: elaboração própria.

Figura 4 – Trabalho: média por perfil de respondentes



Fonte: elaboração própria.

A partir dos dados da pesquisa, tem-se um indicador da capacidade Segurança Física e Emocional de 0,4462 entre as pessoas em situação de rua; 0,6429 entre jovens residentes em área rural; 0,6297 entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social

e 0,4065 entre mulheres em situação de vulnerabilidade social. Os resultados da estatística descritiva indicam que as [1] pessoas em situação de rua e, em especial as [4] mulheres em situação de vulnerabilidade social tem em média, menor percepção de *Segurança física e emocional*. Resultados da ANOVA indicam, primeiro que, a percepção das [1] pessoas em situação de rua e das [4] mulheres em situação de vulnerabilidade social, não são significativamente diferentes. Indicam ainda que a percepção sobre esta capacidade entre as [3] crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social e os [2] jovens residentes em área rural também não são significativamente diferentes. Mas identifica-se que as [1] pessoas em situação de rua e as [4] mulheres em situação de vulnerabilidade social têm médias significativamente diferentes e menores, em relação aos outros 2 grupos amostrais.

Os dados corroboram com a pesquisa de Moura Júnior, Ximenes e Sarriera (2013) cujo objetivo foi de analisar as práticas discriminatórias e suas consequências experienciadas por pessoas em situação de rua de Fortaleza-Brasil. Os resultados da pesquisa indicaram que os participantes se sentem agredidos, humilhados e envergonhados, podendo agir violentamente, criativamente e solidariamente como forma de enfrentar essas práticas de opressão.

Confirmam ainda com os resultados da pesquisa de Brilhante et al. (2016) que destacam como conclusão de seu estudo bibliométrico, que a bibliometria ratificou que as mulheres se encontram em mais situações de violências, apesar da referência às crianças e adolescentes, homossexuais e homens.

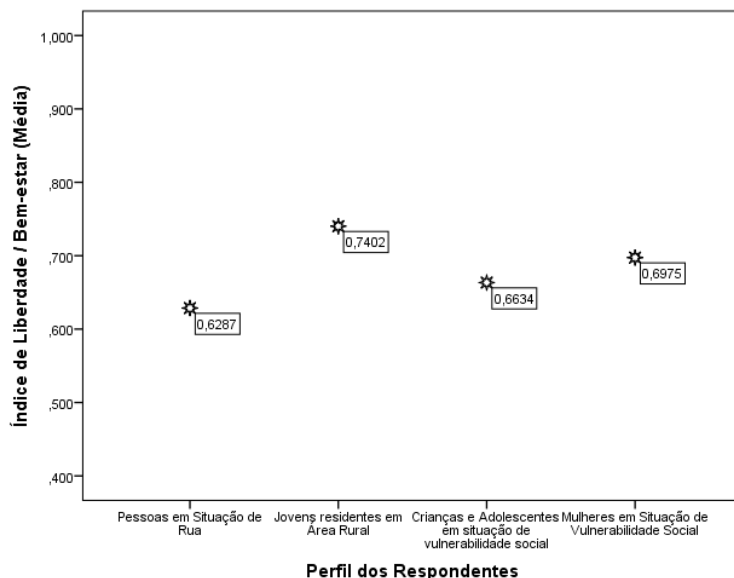
Quanto à capacidade relacionada ao Trabalho, tem-se um indicador de 0,5551 entre as pessoas em situação de rua; 0,8051 entre jovens residentes em área rural; 0,6321 entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e 0,7758 entre mulheres em situação de vulnerabilidade social. Os resultados da estatística descritiva identificam que o grupo de [1] pessoas em situação de rua e [3] crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social tem em média percepção inferior da capacidade de trabalho em relação aos demais grupos da pesquisa.

Os resultados da ANOVA permitem afirmar que em média, a percepção da capacidade trabalho entre [1] pessoas em situação de rua e [3] crianças e jovens em situação de vulnerabilidade social são significativamente menores que os [2] jovens residentes em áreas rurais e [4] mulheres em situação de vulnerabilidade social.

Os resultados corroboram com pesquisas (Gonçalves; Monte, 2019; Rocha; Góis; 2010; Simplicio; Andrade, 2018); acerca da inserção dos jovens no mercado de trabalho, destacando que aqueles que buscam o primeiro emprego encontram maiores dificuldades para se inserir no mercado de trabalho, devido, basicamente, à falta do atributo experiência.

Quanto às pessoas em situação de rua, Mattos, Heloane e Ferreira (2008) afirmam que a relação que se estabelece entre situação de rua e trabalho é bastante complexa. Destacam ainda que uma vez em situação de rua, o trabalhador permanece à procura de trabalho formal e regular, de preferência assalariado. Entretanto, dadas as poucas possibilidades oferecidas no mercado de trabalho, a pessoa em situação de rua passa a desenvolver uma série de atividades laborais, ou como em sua linguagem cotidiana realizar diversos outros “bicos”/“corre”.

Figura 5 – Liberdade/bem-estar/valor social: média por perfil de respondente



Fonte: elaboração própria.

O índice de Liberdade/ bem-estar/valor social é representado pela média aritmética das variáveis que compõem os *construtos* das capacidades. A análise dos dados gerou um índice de valor social de 0,6287 entre as pessoas em situação de rua; 0,7402 entre jovens residentes em área rural; 0,6634 entre crianças e adolescentes em situação de vulnerabilidade social e 0,6975 entre mulheres em situação de vulnerabilidade social. A partir da estatística descritiva, verifica-se que em média, a percepção de Liberdade/bem-estar é superior entre os [2] jovens residentes em área rural (0,7402). Os resultados da ANOVA permitem afirmar que aos [2] jovens residentes em área rural e as [4] mulheres em situação de vulnerabilidade social tem, em média, percepção de liberdade /bem-estar maior que os demais grupos de respondentes.

Tais diferenças, considerando o perfil sociodemográfico dos beneficiários, possuem resultados que encontram fundamentação na literatura dos estudos das ciências sociais em temáticas relacionadas a discriminação de gênero e estudos relacionados às vivências de pessoas em situação de rua. Desta forma, os resultados levam a afirmar que a utilização da ferramenta adaptada, com a proposição de 4 *construtos* e 30 questões, possibilitaria, a partir de estratégias longitudinais, o cálculo de um indicador de bem-estar/criação de valor social a ser utilizado pelos empreendimentos sociais como ferramenta para mensuração da criação de valor social entre os seus beneficiários.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo apresentou como objetivo de pesquisa a proposição de uma ferramenta para medir a criação de valor social por empreendimentos sociais, baseado na Abordagem das

Capacidades de Amartya Sen. Para tanto, utilizou-se ferramenta traduzida de Anand *et al.* (2011) – Questionário de Medida de Bem-Estar – em beneficiários de 4 Empreendimentos Sociais, cujos perfis são: [1] pessoas em situação de rua na cidade de Fortaleza-CE; [2] Jovens residentes em área rural do Ceará; [3] Jovens em situação de vulnerabilidade social de Fortaleza-CE e [4] Mulheres em situação de vulnerabilidade social residentes em um Distrito Industrial do Ceará.

A partir dos testes estatísticos aplicados aos resultados das respostas ao Questionário de Medida de Bem-Estar de Anand *et al.* (2011), em uma amostra de 174 respondentes de 4 Empreendimentos Sociais, propõe-se uma ferramenta estatisticamente validada com 31 questões relacionadas aos *construtos*: [1] Afiliação; [2] Controle sobre o ambiente; [3] Segurança Física e Emocional; [4] Trabalho. As respostas as questões, foram parame-trizadas para que o índice proposto, seja exposto em uma escala de 0 a 1, permitindo a fácil compreensão pelos *stakeholders* do nível de bem-estar dos beneficiários de um Empreendimento Sociais.

Realizou-se ainda Análise de Regressão, visando testar a afirmativa de Anand *et al.* (2011) de que variáveis relacionadas aos traços de personalidade dos respondentes e suas experiências anteriores, impactam na percepção de bem-estar dos respondentes. E os resultados obtidos corroboraram com as pesquisas de Anand *et al.* (2011) e evidenciaram que quanto maiores os traços de personalidade relacionados a extroversão, maior a percepção de bem-estar social, em contraponto quanto maiores os traços de personalidade relacionados a estabilidade emocional, menor a percepção de bem-estar social. Assim como, quanto mais negativas as experiências passadas, menor a percepção de bem-estar do respondente. Este teste é relevante pois proposições futuras de um indicador criação de bem-estar social/valor social, as referidas variáveis de traços de personalidade e experiências passadas devem ser consideradas no modelo de mensuração.

Foi feito ANOVA para comparação das médias de bem-estar entre os grupos de respon-dentes. Verificou-se nesta fase que a ferramenta de pesquisa é sensível à percepção de capacidades de grupos socioeconômicos diversos, tanto no nível de indicador geral de capa-cidades, como considerando individualmente cada capacidade essencial. Registra-se ainda que as diferenças de percepção de bem-estar, entre os grupos de respondentes deste trabalho, encontram justificativas respaldadas na literatura que versam sobre as pessoas em situação de rua; liberdades civis de crianças e jovens; situação de vulnerabilidade e violência de gênero.

Os resultados das análises estatística da ferramenta mostram que a medir o valor social de ações desenvolvidas por uma iniciativa é uma possibilidade real de medir o efeito desta ação, saindo das medições de entradas (*input*, recursos gastos, investidos) e de processo (número de ações, pessoas, treinamentos) sem usar a narrativa criada sobre a palavra “impacto”. Dessa maneira, além de contribuir para a literatura sobre a discussão de valor social, que pode ser aplicado desde ação e políticas públicas até pequenas ações de umas iniciativas comunitárias, privadas ou sociais, este trabalho contribui também gerencialmente para que diversos tipos de organizações possam identificar e propor medições de seus efeitos, usando um conceito mais sólido academicamente e ao mesmo tempo prático e aplicável.

Entende-se como relevante, registrar limitações da pesquisa, referente a situação de crise sanitária vivenciada a partir do mês de março de 2020, quando se propunha a coleta de dados primários, possível apenas por meio de aplicação de questionário individualmente ou em pequenos grupos, que foi inviabilizada devido às orientações do órgão de saúde estaduais e municipais na indicação de medidas de isolamento social. Apresenta-se como sugestão de pesquisas futuras a proposição de um indicador de criação de valor social, que a partir da ferramenta de pesquisa proposta por este trabalho, possa medir de forma longitudinal, com a utilização de grupos de controle, a criação de valor social pelos Empreendimentos Sociais.

REFERÊNCIAS

- ABU-SAIFAN, S. Social Entrepreneurship: Definition and Boundaries. *Technology Innovation Management Review*, [s. l.], v. 2, n. 2, p. 22-27, 2012. DOI: <http://doi.org/10.22215/timreview/523>
- ANAND, P., VAN HEES, M. Capabilities and achievements: An empirical study. *The Journal of Socio-Economics*, [s. l.], v. 35, n. 2, p. 268-284, 2006.
- ANAND, P.; SANTOS, C.; SMITH, R. *The measurement of capabilities*, *Open Discussion Papers in Economics*. Milton Keynes: The Open University, Economics Department, 2007.
- ANAND, P. *et al.* The development of capability indicators. *Journal of Human Development and Capabilities*, [s. l.], v. 10, n. 1, p. 125-152, 2009.
- ANAND, P.; KRISHNAKUMAR, J.; TRAN, N. B. measuring welfare: latent variable models for happiness and capabilities in the presence of unobservable heterogeneity. *Journal of Public Economics*, [s. l.], p. 205-215, 2011. DOI: 10.1016/j.jpubeco.2010.11.007
- ARENA, M. *et al.* Performance measurement for social enterprises. *Voluntas: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, [s. l.], v. 26, n. 2, p. 649-672, 2015.
- ANAND, P.; JONES, S.; DONOGHUE, M.; TEITLER, J. Non-Monetary Poverty and Deprivation: A Capability Approach. *Journal of European Social Policy*, [s. l.], v.31, n.1, p.78-91, 2020.
- AROGYASWAMY, B. Social entrepreneurship performance measurement: A time-based organizing framework. *Business Horizons*, [s. l.], v. 60, n. 5, p. 603-611, 2017.
- AUERSWALD, P. Creating social value. *Stanford Social Innovation Review*, [s. l.], v.7, n.2, p.51-55, 2009. DOI:<https://doi.org/10.48558/QT6X-TX86>
- AUSTIN, J. *et al.* Social and commercial entrepreneurship: same, different, or both? *Entrepreneurship Theory and Practice*, [s. l.], v. 30, n. 1, p. 1-22, 2006.
- BARBIE, E. *Métodos de Pesquisa de survey*. 3. ed. Belo Horizonte: UFMG, 2005.

BERNARDINO, S. *et al.* Contributo do Empreendedorismo Social para o Desenvolvimento de Cabo Verde: Um Estudo Exploratório. *International Journal of Innovation*, [s. l.], v. 5, n. 1, p. 132-155, 2017.

BOUTILLIER, S. L'entrepreneur social, un entrepreneur socialisé dans une société entrepreneuriale? *Humanisme et Entreprise*, [s. l.], v. 5, n. 290, p. 41-60, 2008. DOI 10.3917/hume.290.0041.

BOUTILLIER, S. Aux origines de l'entrepreneuriat social. Les affaires selon Jean Baptiste André Godin (1817-1888). *Innovations*, [s. l.], v. 2, n. 30, p. 115-134, 2009. DOI 10.3917/inno.030.0115

BRILHANTE, A. V. M. *et al.* Um estudo bibliométrico sobre a violência de gênero. *Saúde e Sociedade*, [s. l.], v. 25, p. 703-715, 2016.

BROUARD, F. L'entrepreneuriat social, mieux connaître le concept. *In: COLLOQUE ANNUEL DU CONSEIL CANADIEN DES PME ET DE L'ENTREPRENEURIAT (CCPM), 23.; ANNUAL CONFERENCE OF THE CANADIAN COUNCIL FOR SMALL BUSINESS AND ENTREPRENEURSHIP (CCSBE), 23., 2006, Ottawa, Canadá. Anais [...]. Ottawa, Canadá: Sprott Research Program, 2006. p.1-12.*

BROUARD, F.; LARIVET, S.; SAKKA, O. Défis et actions pour développer l'entrepreneuriat social. *La Revue des Sciences de Gestion*, [s. l.], v. 3, n. 255/256, p. 17-22, 2012. DOI 10.3917/rsg.255.0017

CERTO, S. T.; MILLER, T. Social entrepreneurship: Key issues and concepts. *Business Horizons*, [s. l.], v. 51, p. 267-271, 2008. DOI: <https://doi.org/10.1016/j.bushor.2008.02.009>

CHOI, N.; MAJUMDAR, S. Social entrepreneurship as an essentially contested concept: Opening a new avenue for systematic future research. *Journal of Business Venturing*, [s. l.], v. 29, n. 3, p. 363-376, 2014.

COLLIS, J.; HUSSEY, R. *Pesquisa em Administração: um guia prático para alunos de graduação e pós-graduação*. 2. ed. Porto Alegre: Bookman, 2005.

COMINI, G. *et al.* A three-pronged approach to social business: a Brazilian multi-case analysis. *R.Adm.*, São Paulo, v.47, n.3, p.385-397, Sept.2012.

DAVIS, S. M. Social entrepreneurship: towards an entrepreneurial culture for social and economic development. *Prepared by Request for the Youth Employment Summit*, [s. l.], Sep. 2002.

DEES, J. G. The Meaning of Social Entrepreneurship. *Caseatduke*, [s. l.], 2001. Disponível em: http://www.caseatduke.org/documents/dees_sedef.pdf. Acesso: 15 mar. 2018.

DEFOURNY, J.; NYSSSENS, M. Approches européennes et américaines de l'entreprise social: une perspective comparative. *Revue Internationale de L'économie Sociale*, [s. l.], n. 319, p. 18-35, 2011. DOI: <https://doi.org/10.7202/1020805ar>

EMERSON, J.; CAJAB, M. Social Return On Investment. *Making Waves*, [s. l.], v.11, n.2, p.10-14, 2001.

FELÍCIO, J. A. *et al.* da. Social value and organizational performance in non-profit social organizations: Social entrepreneurship, leadership, and socioeconomic context effects. *Journal of Business Research*, [s. l.], v. 66, n. 10, p. 2139-2146, 2013.

FERRI, E.; URBANO, D. Social Entrepreneurship And Environmental Factors: A Cross-Country Comparision. *Research Work International Doctorate in Entrepreneurship and Business Management Department of Business Economics & Administration*, Barcelona, Universitat Autònoma de Barcelona, 2011.

FRONDIZI, R. *Qué son los valores?* Introducción a la axiología. 6. ed. México: Fondo de Cultura Económica, 1986.

GAIOTTO, S. A. V. Empreendedorismo Social: Estudo Bibliométrico Sobre a Produção Nacional e Internacional. *Revista de Empreendedorismo e Gestão de Pequenas Empresas*, [s. l.], v. 5, n. 2, p. 1-24, 2016.

GARRIDO, L. E. *et al.* Performance of Velicer's minimum average partial factor retention method with categorical variables. *Educational and Psychological Measurement*, [s. l.], v. 71, n. 3, p. 551-570, 2011.

GIL, A. C.; REIS NETO, A. C. DOS. Survey de Experiência como Pesquisa Qualitativa Básica em Administração. *Revista de Ciências da Administração*, [s. l.], v. 22, n. 56, p. 125-137, 2021.

GONÇALVES, M. F.; MONTE, P. A. do. Admissão por primeiro emprego e reemprego nomercado formal do nordeste: um estudo mesorregional. *ABEP*, [s. l.], 2008. Disponível em: http://www.abep.nepo.unicamp.br/encontro2008/.../ABEP2008_1313.pdf. Acesso em: 20 mar. 2020.

GUNDRY, L. K. *et al.* Entrepreneurial Bricolage and Innovation Ecology: Precursors to Social Innovation? *Frontiers of Entrepreneurship Research*, [s. l.], v. 31, 2011. Disponível em: <http://digitalknowledge.babson.edu/fer/vol31/iss19/3>. Acesso em: 30.jun.2019.

HAIR, J. F. *et al.* *Análise multivariada de dados*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

HESSSEN, J. *Filosofia dos valores*. Tradução L. Cabral de Moncada. 5. ed. Coimbra, Portugal: Amênio Amado, 1980.

HOOGENDOORN, B. *et al.* What do We Know about Social Entrepreneurship? An Analysis of Empirical Research. *International Review Of Entrepreneurship*, [s. l.], n.8, n.2, p.1-42, 2010.

KATO, S. *et al.* Insights for Measuring Social Value: Classification of Measures Related to the Capabilities Approach. *VOLUNTAS: International Journal of Voluntary and Nonprofit Organizations*, [s. l.], p. 1-24, 2017.

KUKLYS, W.; ROBEYNS, I. Sen's capability approach to welfare economics. *Cambridge Working Paper in Economics*, [s. l.], 2004. DOI: <https://doi.org/10.17863/CAM.5363>

LELLI, S. *Factor Analysis vs. Fuzzy Sets theory: Assessing the influence of different techniques on Sen's functioning approach*. Leuven: Katholieke Universiteit Leuven, 2001.

LEDESMA, R. D.; VALERO-MORA, P. Determining the number of factors to retain in EFA: an easy-to-use computer program for carrying out parallel analysis. *Practical Assessment, Research & Evaluation*, [s. l.], v. 12, n. 2, p. 1-11, 2007

LUCAS, L.B.; PASSOS, M.M. Filosofia dos valores: uma compreensão histórico-epistemológica da ciência axiológica. *Conjectura: filosofia e educação*, [s. l.], v.20, n.3, p.123-160, 2015.

MAIR, J. Social Entrepreneurship: Taking Stock and Looking Ahead. In: FAYOLLE, A.; MATLAY, H. (ed.). *Handbook of Research on Social Entrepreneurship*. Cheltenham: Edward Elgar, 2010. p 3-13.

MAIR, J., MARTI, I. Social entrepreneurship research: A source of explanation, prediction, and delight. *Journal of World Business*, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 36-44, 2006.

MAIR, J.; NOBOA, E. Social entrepreneurship: How intentions to create a social venture gate formed. In: MAIR, J.; ROBINSON, J.; HOCKERTS, K. (ed.). *Social entrepreneurship*. London: Palgrave MacMillan, 2006. p. 121-136.

MARTINETTI, E. C. A multidimensional assessment of well-being based on Sen's functioning approach. *Rivista Internazionale di Scienze Sociali*, [s. l.], Anno 108, n. 2, p. 207-239, 2000.

MATTOS, R. M.; HELOANI, R.; FERREIRA, R. F. O trabalhador em situação de rua: algumas ações coletivas atuais. *Mental*, [s. l.], v. 6, n. 10, p. 103-122, 2008.

MEDEIROS, C. B. *et al.* Inovação Social e Empreendedorismo Social: Uma Análise Sob a Perspectiva da Economia Solidária. *Gestão.Org - Revista Eletrônica de Gestão Organizacional*, [s. l.], v. 15, n. 1, p. 61-72, 2017.

MEDEIROS, C. B. *et al.* Inovação social além da tecnologia social: constructos em discussão. *RACE - Revista de Administração, Contabilidade e Economia*, [s. l.], v. 16, n. 3, p. 957-982, 2017.

MITCHELL, P. M. *et al.* Are quality-adjusted life years a good proxy measure of individual capabilities? *Pharmacoeconomics*, [s. l.], v. 35, n. 6, p. 637-646, 2017.

MOURAJÚNIOR., J.F.; XIMENES, V.M.; SARRIERA, J. C. Práticas de discriminação às pessoas em situação de rua: histórias de vergonha, de humilhação e de violência em Fortaleza, Brasil. *Revista de Psicologia*, [s. l.], v. 22, n. 2, p. 18-28, ago. 2013.

NUSSBAUM, M. Capabilities as fundamental entitlements: Sen and social justice. *Feminist Economics*, [s. l.], v. 9, n. 2-3, p. 33-59, 2003.

O'CONNOR, B. P. SPSS and SAS programs for determining the number of components using parallel analysis and Velicer's MAP test. *Behavior Research Methods, Instrumentation, and Computers*, [s. l.], v. 32, p. 396-402, 2000.

PARENTE, C. *et al. Empreendedorismo social: Dos conceitos às escolas de fundamentação. As configurações de um conceito em construção. Portugal: Work in Progress in Empreendedorismo Social em Portugal: as Políticas, Organizações e as Práticas de Educação/Formação*, 2013.

PEDRO, A. P. Ética, moral, axiologia e valores: confusões e ambiguidades em torno de um conceito comum. *Kriterion: Revista de Filosofia*, [s. l.], v. 55, n. 130, p. 483-498, 2014.

PEREDO, A. M.; MCLEAN, M. Social entrepreneurship: A critical review of the concept. *Journal of World Business*, [s. l.], v. 41, n. 1, p. 56-65, 2006.

PETRINI, M.; SCHERER, P.; BACK, L. Modelo de Negócios com Impacto Social/Business model with a social impact/Modelo de Negócios com impacto social. *Revista de Administração de Empresas*, [s. l.], v. 56, n. 2, p. 209, 2016.

RIPPIN, N. Multidimensional Poverty in Germany: A Capability Approach. *Forum for Social Economics*, [s. l.], v. 45, n. 2-3, p. 230-255, 2016. DOI: <https://doi.org/10.1080/07360932.2014.995199>

ROCHA, N. M. F. D.; GÓIS, C. W. D. L. Trajetórias de jovens no mundo do trabalho a partir da primeira inserção: o caso de Sísifo em Maracanaú-Ceará, Brasil. *Psicologia & Sociedade*, [s. l.], v. 22, n. 3, p. 466-475, 2010.

SANCHES, H. C. C. Desafios para garantia do direito à participação de crianças e adolescentes no sistema judicial brasileiro. *Revista Jurídica da FA7*, Fortaleza, v. 12, n. 2, p. 10-32, 2015.

SANTOS, F. M. A Positive Theory os Social Entrepreneurship. *J. Bus Ethics*, [s. l.], p.1-51, 2012. <https://doi.org/10.1007/s10551-012-1413-4>.

SASSMANNSHAUSEN, S. P.; VOLKMANN, C. A bibliometric based review on social entrepreneurship and its establishment as a field of research. *Schumpeter Discussion Papers*, [s. l.], p.1-31, 2013.

SCHWARTZ, S. H. Les valeurs de base de la personne: théorie, mesures et applications. *Revue Française de Sociologie*, [s. l.], v. 47, n. 4, p. 929-968, 2006.

SEELOS, C.; MAIR, J. *Social entrepreneurship: the contribution of individual entrepreneurs to sustainable development*, working paper for Anselmo Rubiralta Canter for Globalization and Strategy. Barcelona: IESE Business School, 2004.

SELL, C. E. Max Weber e o átomo da sociologia: Um individualismo metodológico moderado? *Civitas - Revista de Ciências Sociais*, [s. l.], v. 16, p. 2, p. 323-347, 2016.

SEN, A. Development as capability expansion. *Readings in Human Development*, [s. l.], p.41-58, 2003.

SEN, A. *Desenvolvimento como Liberdade*. São Paulo: Companhia das Letras, 2010.

SOCIAL VALUE UK. What is Social Value and why does it Matter? *Institute for Social Value UK*. London, 2018. Disponível em: <http://www.socialvalueuk.org/what-is-social-value/>. Acesso em: 15mar. 2018.

VAN OOTEGEM, L.; VERHOFSTADT, E. Using capabilities as an alternative indicator for well-being. *Social Indicators Research*, [s. l.], v. 106, n. 1, p. 133-152, 2012.

WEBER, M. *Economia e sociedade*. Brasília: UnB, 1994.

A REUTILIZAÇÃO DE DADOS EM PESQUISA QUALITATIVA: DADOS ANTIGOS GERAM NOVOS *INSIGHTS* SOBRE A ECONOMIA CRIATIVA EM CONTEXTO EXTREMO

Vanessa Pinhal, Daniel Victor de Sousa Ferreira, Cíntia Rodrigues de Oliveira, Valdir Machado Valadão Júnior, Sérgio Luiz do Amaral Moretti

Resumo

A reutilização de dados qualitativos em pesquisas empíricas revela-se uma estratégia promissora para ampliar interpretações e desafiar pressupostos consolidados. Desse modo, ao retomarmos um *corpus* previamente coletado sobre o mercado da música em Uberlândia, identificamos a possibilidade de redirecionar o foco analítico diante do surgimento de um contexto inesperado: a pandemia de Covid-19. Embora a investigação original não contemplasse o conceito de contexto extremo, o reuso dos dados permitiu explorar as percepções dos músicos sobre instabilidade, ameaça e adaptação. Com base nas reflexões de Corti et al. (2004) e nos fundamentos da pesquisa qualitativa (Denzin & Lincoln, 2005), evidenciamos que situações imprevistas podem tensionar o percurso metodológico e exigir um redesenho interpretativo. Os resultados mostram que o potencial do reuso reside em revelar dimensões ignoradas no momento da coleta, produzindo novas contribuições sem necessidade de novo campo. No caso em questão, o reuso do *corpus* possibilitou concluir que, mesmo em áreas não tipificadas, como a música, o trabalho pode adquirir características de *extreme job* a partir do contexto. Tal esforço de pesquisa, em reutilizar dados qualitativos, também reforça a relevância do reuso na produção científica.

Palavras-chave

reuso do corpus; contexto extremo; economia criativa.

Abstract The reuse of qualitative data in empirical research proves to be a promising strategy for broadening interpretations and challenging established assumptions. Thus, by revisiting a previously collected corpus on the music market in Uberlândia, we identified the possibility of redirecting the analytical focus in the face of the emergence of an unexpected context: the Covid-19 pandemic. Although the original investigation did not contemplate the concept of an extreme context, the reuse of the data allowed us to explore the musicians' perceptions of instability, threat, and adaptation. Based on the reflections of Corti et al. (2004) and the fundamentals of qualitative research (Denzin & Lincoln, 2005), we showed that unforeseen situations can strain the methodological path and require an interpretative redesign. The results show that the potential of reuse lies in revealing dimensions ignored at the time of collection, producing new contributions without the need for a new field. In this particular case, the reuse of the corpus made it possible to conclude that, even in non-typical areas, such as music, work can acquire characteristics of an extreme job based on context. This research effort, in reusing qualitative data, also reinforces the relevance of reuse in scientific production.

Keywords Corpus reuse; extreme context; creative economy.

INTRODUÇÃO

Neste artigo, buscamos defender que a reutilização de dados qualitativos de pesquisas empíricas pode ser produtiva, pois oportuniza o alcance de novos resultados ao desafiar os pressupostos subjacentes à literatura existente. Para tanto, utilizamos os dados de uma pesquisa empírica, originalmente destinada a estudar o mercado da música na cidade de Uberlândia (Ferreira et al., 2023), para compreender uma nova questão: o contexto extremo. Desse modo, a partir de um exemplo prático, mostramos que o potencial do reuso está na compreensão de questões ignoradas, quando na coleta dos dados.

Na realização dessa investigação com músicos da cidade de Uberlândia, fomos todos surpreendidos pela pandemia da Covid-19, tanto nós pesquisadores, quanto os sujeitos pesquisados. Assim, quando coletamos os dados dessa pesquisa, surgiu muito material sobre o contexto extremo, no entanto, estávamos limitados pelo percurso metodológico assumido até então. As medidas de isolamento social no combate à pandemia, impostas pelas autoridades de saúde, trouxeram à prática dos mesmos uma nova realidade de ameaças, instabilidades e desafios.

Ao assumirmos o reuso dos dados (Corti et al., 2004), observamos que essa maneira de se pensar a análise qualitativa de trabalhos empíricos já finalizados possibilitou o surgimento de um novo desenho de pesquisa para compreensão de novas questões. Desse modo, os

resultados contribuíram para definições mais úteis e precisas, ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo.

Embora entrevistados inicialmente para outros propósitos, os músicos pesquisados mostravam um especial interesse em expor suas interpretações sobre o contexto que estavam vivendo e o consequente regime de isolamento social que assolava todos os setores econômicos e sociais, em especial, ao do entretenimento. Revisitamos os dados para uma nova análise, em busca do alcance de um novo escopo de pesquisa, levantando-se então um novo objetivo: analisar o impacto da pandemia no trabalho de profissionais do setor cultural em Uberlândia, na perspectiva dos profissionais da música. Afinal, não apenas a atividade musical, mas, também, a própria atividade de pesquisa tinha sido impactada pelo novo coronavírus, exigindo dos pesquisadores criatividade no uso de novas técnicas de coleta que considerassem o isolamento social.

O presente artigo está estruturado da seguinte forma: depois desta introdução, apresentaremos algumas considerações sobre como seria possível alcançar novos resultados a partir de dados antigos, valorizando as recomendações de Corti et al. (2004) para o reuso dos dados. Na seção seguinte, apresentaremos a literatura sobre contextos extremos, relacionada especialmente ao trabalho dos músicos. Em seguida apresentamos os resultados que obtivemos quando fizemos o reuso de dados antigos. O artigo se encerra com as considerações finais.

O ALCANCE DE NOVOS RESULTADOS A PARTIR DE DADOS ANTIGOS

Para a defesa de nossos argumentos, limitamos aos dados coletados dentro de uma abordagem qualitativa (Denzin; Lincoln, 2005), seguindo as recomendações de Corti et al. (2004) quanto ao reuso do *corpus*. Segundo esses autores, a reutilização de dados qualitativos oferece uma oportunidade de estudar as matérias-primas de pesquisas passadas com o objetivo de obter novos insights para fins metodológicos e substantivos. As maneiras pelas quais os dados qualitativos podem ser reutilizados têm muito em comum com aquelas aplicáveis à análise secundária de dados de pesquisa (Fink, 2004).

No caso em tela, embora o objetivo da pesquisa original tenha sido o de analisar a economia criativa (Ferreira et al., 2023), a revisita ao *corpus* nos levou a perseguir outro objetivo: analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia. O número de entrevistados não foi previamente estabelecido; seguindo as recomendações de Thiry-Cherques (2009) quanto à saturação dos dados, considerou-se, na pesquisa inicial, a quantidade de treze entrevistas, as quais aconteceram numa média de 70 minutos cada, totalizando 15 horas, aproximadamente. Por isso, como limitação, apontamos que a saturação se deu frente ao objetivo original apenas.

Para o reuso dos dados, foram consideradas 11 entrevistas, totalizando 12 horas de gravação que resultaram em 137 laudas. Foram excluídas as entrevistas realizadas por não músicos, ou seja, as pessoas que trabalhavam com assessoria e gestão de carreira musical. Os entrevistados, duas mulheres e nove homens, foram selecionados segundo sua profissão e experiência de trabalho, ou seja, músicos de eventos ou professores de música, observando o

princípio da homogeneidade fundamental, visto que a pesquisa tinha um foco específico: o trabalho do músico no setor cultural. Para chegar aos entrevistados, os pesquisadores recorreram a indicações fornecidas por profissionais do setor de eventos da cidade de Uberlândia.

De posse das indicações, os pesquisadores fizeram as primeiras trocas de mensagens instantâneas (WhatsApp), quando explicaram os procedimentos para as entrevistas, as quais seriam gravadas, transcritas e analisadas. Antes da entrevista, todos os aspectos contidos no termo de consentimento livre e esclarecido foram informados, garantindo aos entrevistados o sigilo. Cada participante foi entrevistado, individualmente, por meio de três técnicas distintas e complementares, conforme Flick (2002), que sugere uma combinação entre a entrevista episódica e a entrevista narrativa. De modo complementar, foi aplicada a técnica projetiva (Campos et al., 2020), sendo solicitado aos entrevistados que fizessem um desenho sobre a sua expectativa quanto ao setor de música na cidade de Uberlândia. O desenho foi feito de forma espontânea e nenhuma instrução específica foi dada aos participantes.

Na condução da entrevista, os entrevistadores sentiam-se na obrigação de, antes de tudo, lamentar o momento difícil que todos estavam passando e acabavam por dedicar os primeiros minutos da entrevista para uma conversa livre (até porque os primeiros contatos tinham sido apenas por mensagens de texto, geralmente pelo WhatsApp). Nesse momento, havia a apresentação mútua dos envolvidos e a troca de informações gerais sobre a pandemia. Por não se conhecerem, era importante estabelecer a confiança no primeiro contato ao vivo. Finalizada a entrevista, encerrava-se a gravação e a conversa continuava, quando eram feitos comentários gerais. Nesse momento, os entrevistados falavam livremente sobre os assuntos já abordados na entrevista e adicionavam outras observações. Suas interpretações eram apresentadas meio a falas carregadas de subjetividades, o que não foi ignorado pelos entrevistadores neste artigo.

Os pesquisadores não esperavam que o tópico guia das entrevistas, construído inicialmente para auxiliar na compreensão sobre a economia criativa na cidade, pudesse ser tão modificado à medida que as entrevistas se desenrolavam. A dinâmica das entrevistas também foi realizada de maneira inesperada. A conversa com os entrevistados foi conduzida, em primeiro momento, pelo aplicativo de mensagens instantâneas WhatsApp e, depois de acertada uma data e hora, as entrevistas aconteceram por meio das plataformas de reuniões remotas (Google Meet e Zoom). A dinâmica das entrevistas contribuiu para que, não só o primeiro objetivo da pesquisa fosse cumprido, mas, também, que as possibilidades do reuso do corpus fossem consideradas em um segundo momento.

Dentre os onze entrevistados, sete realizaram a atividade de desenho como sugerido pela técnica projetiva (Campos et al., 2020). Os entrevistados que não se sentiram à vontade para realizá-la, expuseram suas expectativas verbalmente. À relação dos músicos entrevistados atribuiu-se nomes fictícios, para preservar o anonimato. São eles: Elza Soares (musicista que atua com projetos culturais); Gilberto Gil (músico e proprietário de uma loja instrumentos musicais); Chico Buarque, Guilherme Arantes, Roberto Carlos, Milton Nascimento e Tim Maia (músicos de eventos); Heitor Villa-Lobos e Caetano Veloso (músico de eventos e professor de piano); e, Raul Seixas e Elis Regina (professores de piano).

Para a análise e reanálise do *corpus*, utilizou-se a análise temática, com o apoio do software Atlas.ti. A análise temática foi conduzida seguindo as orientações de Braun e Clarke (2006), levando em conta dois aspectos fundamentais para a pesquisa qualitativa: a flexibilidade e a não linearidade do processo de análise, o que demanda movimentos de vaivém entre as fases. Na primeira etapa, que é a familiarização com o material empírico, realizamos leituras repetidas das entrevistas e dos desenhos buscando significados e padrões, quando elaboramos uma lista das ideias geradas nessa fase, por exemplo, a tecnologia como mediadora de um trabalho que se fazia em contato com o público; em seguida, geramos os códigos iniciais, com base na teorização sobre o contexto extremo combinada com os dados, abordando-os a partir de questões específicas, como, por exemplo: tem potencial de gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais pela proximidade física ou psicossocial?

Nas etapas seguintes, buscamos os temas abrangentes, com o auxílio de um diagrama elaborado para facilitar a visualização das relações entre os temas; revisitamos os temas verificando que formavam um padrão coerente e passamos à definição e denominação de três temas, descrevendo o escopo e o conteúdo de cada um deles, os quais serão apresentados na seção a seguir: o desafio da mudança; a escassez de recursos e de suporte; as perdas insuportáveis.

DELIMITANDO O TEMA PARA O REUSO: O TRABALHO DOS MÚSICOS E O CONTEXTO EXTREMO

Mesmo antes da pandemia de Covid-19, o mercado da música já impunha aos profissionais do setor um contexto de exigências singulares, como, por exemplo, o processo de intensificação do uso da internet, que alterou significativamente o mercado fonográfico. Antigos *players* – principais empresas do ramo – buscam se adaptar e passam a lidar com uma realidade na qual os caminhos se tornam passíveis de sucesso, enquanto outros enfrentam mais dificuldades para se adequarem às novas tecnologias. Tais considerações colocam o desenvolvimento do comércio digital e o imbricamento das esferas de produção e distribuição independente como importantes marcos de ruptura no contexto artístico-musical das últimas décadas (Wainer, 2017).

Com o advento da pandemia do coronavírus, o setor artístico-cultural foi severamente impactado, devido à necessidade de cancelamento e/ou adiamento de suas atividades. Afinal, o trabalho do artista envolveria o contato direto com o público, sendo caracterizado justamente pela aglomeração, o que fez com que esses profissionais passassem a enfrentar desafios ainda maiores (Holanda et al., 2020).

Para Santos e Sant’anna (2021), a pandemia de Covid-19 é considerada mais uma camada de desestruturação da cultura no Brasil. Devido à redução do público pagante em museus, shows e eventos de maneira geral, a fragilidade de uma cadeia econômica que depende de interação social é escancarada. Nesse sentido, um processo de migração para ambientes virtuais se torna inviável para alguns ramos, que se veem excluídos no atual contexto (Santos; Sant’Anna, 2021). Contexto esse que é considerado, por Canedo et al (2021), uma ameaça

à economia cultural e criativa não apenas em sua forma de subsistir, mas de existir. O convívio e a coletividade são centrais para parte considerável de serviços culturais. Por isso, os programas artísticos foram os primeiros a terem suas atividades econômicas suspensas.

Apesar da tentativa de se manterem ativos a partir da criação e oferta de produtos adaptados aos meios digitais, da realização de cursos e da redução de despesas, profissionais e organizações sinalizaram sua preocupação em relação à continuidade de suas atividades. O setor se engajou na busca de orientações e protocolos para a reabertura, obtendo pouco retorno do poder público, e apostou em alternativas, como editais emergenciais e outras formas de fomento (Canedo et al., 2021), além da ampliação de campanhas de financiamento coletivo ou mantendo a sobrevivência pela renda obtida nas bilheterias dos eventos (Calabre, 2020).

Ao realizarem uma pesquisa com o intuito de investigar a situação do vínculo dos indivíduos com o material musical veiculado pela indústria cultural com músicos e não músicos, Maia e Antunes (2008) enfatizam que, pela oferta ininterrupta e abrangente de produtos padronizados, a indústria cultural produz novas necessidades e padroniza a sensibilidade dos espectadores. A música produzida e disseminada na indústria cultural reproduz representações repetitivas, relacionadas a formas típicas de reação. Entre essas reações, os autores citam o ressentimento, que está entrelaçado a uma concepção intolerante de normalidade, surgindo sob a forma de ironias e alusões. Em relação aos músicos, os autores apontaram certo nível de informação, apesar de suas opiniões se aproximarem mais da repetição de conceitos prontos do que da expressão de uma experiência musical. Já entre os não-músicos, o que foi percebido é a expressão de uma falsa coletivização, uma aparente democratização do acesso à música, quando, de fato, os sujeitos não foram preparados para isso com uma educação adequada.

No contexto da atuação profissional, com o estilo musical *heavy metal*, Braga, Medeiros e Paula (2018) exploraram as interpretações dos músicos sobre as expectativas em relação a seus trabalhos. Os resultados evidenciam que esses profissionais são movidos a se aventurar na carreira pelo sentimento que possuem pelo estilo e por inspiração aos ídolos. Entretanto, o estudo também revela que o caminho desses músicos tem diversos percalços que, na maioria das vezes, exercem uma influência para o músico desistir de atuar na área. As dificuldades financeiras foram relatadas pelos participantes como um dos principais empecilhos para prosseguir na carreira musical. A pressão social e da família também foi percebida como um desafio constante devido a essa profissão ser vista como algo que desvia do desejável no que se refere a carreiras profissionais. Diversos músicos encontram como saída a execução de outros os estilos, atendendo as demandas comerciais para complementar suas rendas; demandas essas que influenciam na mudança da sonoridade do estilo, algo conflitante entre os profissionais, pois alguns defendem e outros discordam, tanto pela execução profissional como pela adaptação da música ao mercado criativo.

Com relação à atuação dos músicos no decorrer da pandemia, Louro, Louro e Duarte (2020) ressaltam aspectos relacionados à adaptação que os educadores musicais tiveram que fazer para transformar suas aulas presenciais em aulas remotas, a necessidade de investimento em equipamentos de captação de áudio e vídeo, além de desenvolvimento, em um

espaço muito curto de tempo, de habilidades para edição de vídeos/áudios, postagens e engajamento nas redes sociais. Somado a isso, com a flexibilização do isolamento social, em meados do segundo semestre de 2020, os músicos precisaram atentar-se ainda para as particularidades do exercício da música (orquestras, corais, aulas etc.), no que tange aos cuidados com a saúde e prevenção de contágio do vírus. Esses profissionais voltaram a trabalhar em meio ao perigo de contágio, atuando em uma realidade altamente estressante, devido à exposição, vulnerabilidade e consequente instabilidade emocional.

Afonso (2021) também relatou reflexos causados por esse contexto de incertezas. Um dos fatores destacados pelo autor foi a dificuldade financeira vivenciada por profissionais dessa área, principalmente aqueles que atuam como autônomos. Com a impossibilidade de realização de eventos presenciais, os profissionais buscaram alternativas para obter fonte de renda em outras atividades não relacionadas à música, como, por exemplo: motorista de aplicativo, serviços elétricos, comércio, aulas, auxílio emergencial do Governo Federal. A pesquisa ainda apontou uma alta incidência de casos de Covid-19 na categoria dos músicos em Manaus e as mortes e/ou o agravamento da doença abalaram emocionalmente os membros da profissão.

Já Sandroni (2021) analisou a perda de renda de um conjunto de 476 musicistas de diferentes regiões do Brasil. As análises mostraram que, independentemente da região, a renda obtida com o trabalho no campo da música foi bastante reduzida para o conjunto de participantes da pesquisa. Os resultados também apontaram que a dimensão racial tem um efeito importante na perda de renda por parte dos musicistas, assim como a dimensão educacional (objetivado pelo grau de escolaridade dos músicos), a idade e as condições de trabalho (tipo de vínculo) anterior ao processo de isolamento social. São os indivíduos auto-declarados negros (pardos e pretos) que mais perderam renda do trabalho com a música. Para o autor, os homens e os mais jovens também foram os mais afetados quando comparados com as mulheres e com a população mais velha. Os indivíduos com maior grau de instrução apresentaram maiores as chances de obter um vínculo formal no mundo do trabalho e, conseqüentemente, menores chances de perder sua renda.

Diante disso, entende-se que a situação vivenciada por profissionais da música que optam por continuar trabalhando em locais públicos, mesmo com os riscos envolvidos, pode ser caracterizada como atuação em contexto extremo.

Ao definir contextos extremos, Hannah et al. (2009) sugerem que a presença ou ameaça de um ou mais eventos extremos é uma condição necessária, mas não suficiente para constituir um contexto extremo. Os autores sustentam que o(s) evento(s) extremos se caracterizam: (1) pelo potencial de gerar conseqüências físicas, psicológicas ou materiais que ocorrem na proximidade física ou psicossocial pelos membros parte de determinada organização; (2) pelas conseqüências consideradas insuportáveis por esses membros; e (3) por exceder a capacidade da organização de evitar que esses eventos extremos ocorram de fato. As três características se apresentam presentes no período de pandemia causado pela Covid-19.

O evento extremo é definido como um episódio ou ocorrência discreta que pode resultar em uma magnitude extensa e intolerável de conseqüências físicas, psicológicas ou materiais

para - ou na proximidade física ou psicossocial de - membros da organização. O contexto extremo é conceituado como um ambiente em que um ou mais eventos extremos estão ocorrendo ou são prováveis de ocorrer e que podem exceder a capacidade da organização de prevenir, resultando em uma magnitude extensa e intolerável de consequências de natureza física, psicológica ou material para os membros da organização (Hannah et al., 2009).

Em uma perspectiva mais específica, Bloomfield e Dale (2015) citam como alguns trabalhos estão se tornando mais “extremos” de várias maneiras, por exemplo, empregos que envolvem uma quantidade intensiva de tempo de trabalho. Nesse caso, não é a tarefa ou o ambiente que seriam extremos, mas, sim, o tempo de execução, a performance, o que pode ter consequências para os funcionários. A intensificação do trabalho tem sido discutida como uma característica dos locais de trabalho ocidentais contemporâneos (Green, 2001; Patterson, 2001), sendo vista como uma consequência de pressões de nível macro da economia, concorrência, mudanças de tecnologias, mas também de mudanças nas práticas organizacionais, como flexibilidade funcional e formas contratuais. Ademais, é destacado que a intensificação pode estar relacionada às mudanças nas práticas de recursos humanos, produzidas diretamente por técnicas projetadas para estimular o esforço, por exemplo, a remuneração por desempenho (Bloomfield; Dale, 2015).

Os trabalhos considerados altamente racionalizados e rigidamente controlados também podem se tornar extremos em determinadas circunstâncias, como é abordado por Bozkurt (2015) ao analisar uma *delicatessen* de um supermercado. O autor cita que a maioria dos elementos que definem trabalhos extremos tem a ver com o escopo do trabalho envolvido. O escopo dos trabalhos do chão de fábrica do supermercado é altamente delimitado em termos de tempo, habilidades e autonomia. Na temporada de varejo de Natal, as demandas em todas essas dimensões aumentam no balcão da *delicatessen*. As exigências formais de trabalho intensificam-se tanto em termos das tarefas a serem realizadas quanto do tempo durante o qual deveriam ser realizadas. Isso poderia ser descrito, portanto, como uma expansão do escopo do contrato de trabalho formal, compreendendo mudanças nos elementos entrelaçados de maior tempo de trabalho, maior variedade de tarefas e habilidades e níveis mais elevados de liberdade em termos relativos. Assim, há aumento na quantidade de horas de trabalho, aumento de uma demanda multitarefas e conhecimento sobre produtos, expansão discreta da liberdade e flexibilidade devido ao redirecionamento do trabalho dos gestores para outros fatores.

Ressalta-se que as formas como musicistas se mantêm ativos no mercado de trabalho, adaptando-se a situações novas e diversas - principalmente por conta do impacto da tecnologia como o principal meio de produção, há tempos já é uma condição imposta aos profissionais da classe artística-cultural. Entende-se que a pandemia não somente acelerou processos que já vinham ocorrendo - de precarização das relações de trabalho e do incremento da tecnologia na gestão e nos modelos de negócios, por exemplo - como expôs a vulnerabilidade à qual trabalhadores e trabalhadoras da música vêm sendo submetidos nesse contexto.

Assim, a partir daquilo que trata os autores selecionados é possível pensar que a atividade profissional de músico vem de algumas décadas para cá sendo precarizada e se adequando

a nova ordem da indústria cultural e os imperativos da tecnologia. Da condição de protagonista do espetáculo ele passou, paulatinamente, à situação de, também, empreendedor, produtor, controlador, ou seja, “senhor” de seu próprio destino. Essa situação se intensifica com a chegada da Covid-19, afinal, ela impede qualquer tipo de aglomeração pública, condição para a profissão de músico, assim, as bases para o exercício da profissão necessitam ser revistas para o novo ambiente de ameaças, instabilidade e desafios.

O PERCURSO METODOLÓGICO PARA A BUSCA DE NOVOS RESULTADOS: O REUSO DOS DADOS QUALITATIVOS

Tínhamos preparado para o campo, munidos de considerações teóricas e de um escopo de pesquisa definido para a investigação sobre a economia criativa na cidade; entretanto, o contexto extremo imposto ao setor da música impactava os entrevistados e os entrevistadores. Algumas entrevistas foram desmarcadas pelo luto, meio a noticiários de mortes e medo. O trabalho do músico encontrava-se em condições incertas e adversas, configurando-se em um contexto extremo. A sobrevivência de sua atividade profissional estava ameaçada pelo regime de isolamento social, assim como sua vida, de seus familiares e amigos.

Os novos resultados que apresentaremos nesta seção foi alcançado pela reutilização de dados de uma pesquisa realizada no período da pandemia de Covid-19. O redirecionamento deste novo estudo foi ancorado pelo conceito de “contexto extremo” e seu objetivo passou a ser: analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia. Para tanto, aplicou-se a Análise Temática no corpus de onze entrevistas com músicos locais, os resultados foram a emergência das seguintes categorias: a ameaça das perdas insuportáveis; a instabilidade a partir das mudanças; e os desafios gerados por falta de recursos e de suporte. Os participantes interpretavam as modificações em seu trabalho. Adicionalmente, a pesquisa identificou a emergência de uma rede de solidariedade entre os músicos, em meio ao contexto extremo.

O objetivo original era “analisar o setor criativo na cidade de Uberlândia na perspectiva dos profissionais da música”. No entanto, um tema era frequente quando dávamos voz aos entrevistados: Covid-19 na atividade musical. Não tínhamos previsto esse tema no tópico guia que orientou a pesquisa. Em virtude de tal emergência, revisitamos então os dados sob a orientação de um novo objetivo, “analisar o impacto da pandemia no trabalho de músicos de Uberlândia”, a mudança se ancora no conceito de “contexto extremo” e tem como base as sugestões teóricas-metodológicas de Corti et al. (2004) naquilo que ele chamou de reuso do *corpus*.

Com a pandemia, o setor cultural começou a experimentar uma crise que, a cada dia, era ainda mais agravada (Calabre, 2020; Canedo, Andrade; Freitas, 2021). As pesquisas acadêmicas também foram impactadas, especialmente aquelas que, empiricamente, propunham estudar o setor. Surpreendidos pelas medidas de isolamento social, os autores foram desafiados, inicialmente, a adaptar a coleta de dados para a modalidade remota. No entanto, durante as entrevistas, os impactos da pandemia para o setor ficavam em evidência,

tornando-se um dos principais temas abordados pelos músicos entrevistados, indo além dos objetivos propostos inicialmente. Emergiam-se reflexões quanto à atividade musical realizada em meio a pandemia, sendo posteriormente revisitado.

Dentre os profissionais do setor cultural, os mais vulneráveis são aqueles que não possuem vínculos formais de trabalho (Góes et al., 2020). No caso dos músicos, além dos eventos presenciais (única fonte de renda para parte do segmento), o trabalho realizado em estúdios de gravação para realização de produções audiovisuais, como trilhas sonoras para emissoras de TV, rádio e *streaming* também foram paralisados, causando prejuízos financeiros, sociais e emocionais decorrentes do cancelamento das agendas para o ano de 2020 (Martins, 2020; Sandroni et al., 2021). De acordo com a União Brasileira de Compositores (UBC), 86% dos profissionais da área foram afetados pela pandemia; em 12%, a renda continuou a mesma na pandemia; e 2% ganharam mais no período da pandemia. As carreiras mais prejudicadas pela pandemia no ramo da música foram: cantores, instrumentistas, compositores, produtores fonográficos, arranjadores e professores de música (Nexjor, 2020).

Estudos sobre a situação desses profissionais no contexto pandêmico já apontam que esse contexto tem relevado as fragilidades e as dificuldades de compreensão e reconhecimento político desses profissionais, os quais precisaram buscar estratégias de sobrevivência e outros modelos de sustentação para continuar atuando em suas áreas (Goes et al., 2020; Calabre, 2020; Canedo et al., 2021). Em Uberlândia, durante e após a pandemia de Covid-19, o município promoveu ações afirmativas para o desenvolvimento sociocultural. A Secretaria Municipal de Cultura e Turismo (SMCT) lançou, durante o ano de 2020, editais de fomento e propostas de auxílio ao setor cultural (Uberlândia, 2021; Merlin, 2021; G1, 2020).

Analisar o impacto da pandemia para os profissionais da música, também foi útil para compreender o impacto de forma geral, para outras atividades profissionais. O contexto extremo, até então analisado apenas para algumas profissões específicas (Bozkurt, 2015) foi (re)interpretado pelos entrevistados por meio do medo, da raiva e da perda (financeiras e pessoais), ameaças, instabilidades e desafios. Indicando que as consequências do regime de isolamento social provocaram os profissionais para além da pandemia. Ou seja, as interpretações sobre as dificuldades vividas no âmbito profissional, inicialmente produzidas coletivamente, eram também transferidas para o âmbito individual, o que gerava decisões pessoais que impactavam e eram impactadas pelas decisões coletivas de todo o setor musical.

Um achado que merece destaque é a formação de uma rede de colaboração independente, com outros músicos se unindo para ajudar músicos que vinham passando por dificuldades financeiras por não conseguirem desempenhar suas atividades plenamente, indo ao encontro do que pôde ser verificado em Fortaleza (Holanda; Lima, 2020). A rede iniciou uma campanha de arrecadação de alimentos aos colegas em situação de maior de vulnerabilidade. O uso das redes sociais e de plataformas de financiamento coletivo (como a Vakinha, Catarse etc.) foi essencial na propagação dessa primeira “ação de resistência”, que teve como foco inicial o provimento básico e rápido de insumos para os indivíduos mais necessitados de seu movimento. Fortalecendo-se a rede, algumas outras ações foram

implementadas, como a realização, também independente, de um festival virtual multi-linguagem para financiar e manter a produção criativa e intelectual dos artistas atingidos (Holanda & Lima, 2020). A seguir detalhamos tais resultados.

PERDAS INSUPORTÁVEIS E AMEAÇAS CONSTANTES

Os anos de 2020, 2021 e 2022 representaram um cenário novo para toda a humanidade, a Covid-19 trouxe consigo um ambiente institucional de instabilidade e aqueles trabalhadores que necessitavam de ter uma relação direta com o seu público se sentiam em constante ameaça. Nessa categoria temática, estão as falas relativas às consequências consideradas insuportáveis pelos músicos. Embora já estivessem preparados, de alguma forma, para configurações contextuais desafiadoras, a pandemia trouxe um aspecto novo, levando-os a lidarem, principalmente, com situações de medo, raiva e perda.

A análise aponta para a caracterização do trabalho extremo a partir do contexto extremo, marcado pelas perdas insuportáveis, sejam de natureza física, social ou psicológica. A situação de ameaça instalada pelas restrições advindas com a pandemia da Covid-19 fez com que o sentimento de medo fosse despertado na maioria dos entrevistados. O potencial para gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais se destaca, além de consequências irreparáveis, como a perda de colegas e familiares.

O medo esteve relacionado ao alto grau de incerteza do momento, como pode ser observado nas seguintes falas: “pegou de surpresa, é isso [...] tem muita gente que não tinha um planejamento financeiro para uma crise desse tamanho, e esta é em uma situação muito difícil” (Tim Maia). E “muita gente vai ter que migrar de profissão para sobreviver e alguns que não conseguem mudar estão sofrendo [...] estão todos apavorados” (Tim Maia). Foi observado também a seguinte fala: “agora na pandemia, tá um caos. Por quê? Muitos músicos não têm um conservatório pra dar aula, muitos músicos não têm uma banda pra tocar [gerando incertezas]” (Caetano Veloso). Nessa perspectiva, os músicos que teriam trabalhos formais, como no conservatório ou escolas municipais, citados pelo entrevistado, conseguiriam manter certa estabilidade por mais tempo.

Outro sentimento que se sobressaiu foi o da raiva. Em uma das entrevistas, a participante Elza Soares, antes de apresentar a sua interpretação, pergunta: “Posso usar palavrão? Posso xingar aqui?”. Segundo essa entrevistada, a classe artística de forma geral está “cagada no maiô”, referindo-se ao contexto que a pandemia impôs aos profissionais que ficaram completamente sem reação e à deriva em meio ao caos instalado em nível econômico, político, sanitário. Ademais, ressaltam-se também os sentimentos de abandono pelas instituições públicas de amparo, ligadas às políticas públicas de cultura. Por fim, a entrevistada Elza Soares cita uma frase que, segundo ela, seria atribuída à Neruda: “a vontade é sair matando todo mundo, ai... Mas eu mataria mesmo, mas a paz...é que é a culpada, a paz é a que não deixa”.

Já com relação ao sentimento de perda, os entrevistados buscaram elaborar as dores causadas por perdas tanto financeiras, quanto pessoais. “A gente tá perdido”, afirma Tim

Maia ao dizer que a sobrevivência profissional dos músicos está sob risco devido ao fato de “estar tudo fechado”, referindo-se às medidas restritivas de isolamento social, no combate à pandemia. Outro entrevistado, Milton Nascimento, disse: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração[...] perdemos muito, infelizmente”.

A arte “depende muito da troca [...] para o artista não tem graça sem o calor do público” (Milton Nascimento). Todas essas falas que indicam incerteza, raiva e perda foram acompanhadas de relatos sobre casas de show que fecharam, profissionais que faleceram em decorrência das complicações do Covid-19, “a perda que o setor teve está enorme”. A atividade artística e cultural não depende apenas de máquinas, mas, sobretudo de pessoas, que, à propósito, são insubstituíveis e foram **ameaçadas** todo o tempo por impossibilidade de troca com o público, por estarem à deriva em meio ao caos político, econômico e sanitário, perdas insuportáveis. Os estragos que o setor sofreu são sempre analisadas com muito pesar pelos músicos, com previsões de recuperação sempre a longo prazo. A categoria reúne elementos que notadamente indicam contexto extremo conforme definição de Hannah et al. (2009).

4.2 A ESCASSEZ DE RECURSOS E DE SUPORTE: INSTABILIDADE

Na categoria temática, estão agrupadas as interpretações que remetem à incapacidade de os músicos evitarem que as consequências desses eventos extremos ocorram de fato. O setor cultural é diverso e complexo, no qual coexistem extensas cadeias produtivas no processo de elaboração de produtos culturais. Além disso, há uma série de produtos culturais de elaboração solitária, assim como aqueles que somente podem acontecer na produção coletiva (Calabre, 2020; Canedo; Andrade; Freitas, 2021). Soma-se, a isso, o contexto de instabilidade e o decréscimo de investimento das políticas públicas para a cultura no Brasil (Canedo; Andrade; Freitas, 2021).

Esses fatos vão ao encontro de algumas falas dos participantes, no sentido de que é antecedente à pandemia a configuração do mercado. Segundo a interpretação de alguns entrevistados, “o mercado é injusto [...] acho muito difícil alguém falar que sobrevive só de música” (Chico Buarque). Já o entrevistado Tim Maia oferece uma interpretação que relaciona o sucesso à capacidade de oratória, de comunicação e “de convencimento”. Ele segue dizendo que “todo mundo [os músicos] tem que ter empresário, senão não consegue [...] o músico fica restrito à música e o empresário faz a carreira dele”.

Diante desse contexto de suspensão das atividades artísticas, parte do setor cultural começou a se mobilizar em busca da garantia do apoio do Estado, nos diversos níveis de governo. As primeiras ações adotadas dizem respeito as medidas administrativas, como prorrogação dos prazos de prestação de conta e de execução dos projetos culturais financiados. Devido à migração dos eventos culturais para o ambiente digital, surgiram editais emergenciais para promoção de festivais online ou fomento direto a artistas e produtores para a criação de apresentações na internet e redes sociais (Canedo; Andrade; Freitas, 2021). Para os entrevistados, o acesso às instituições e aos recursos disponibilizados pelo Governo não é fácil.

A maioria dos músicos enfrenta dificuldades na construção de um projeto formal, pois “há toda uma burocracia cuja necessidade de formação não é atendida pela maioria dos músicos. Precisa formar a galera pra conseguirem fazer isso e para ter mais acesso” (Tim Maia), e, conseqüentemente, aumentar o orçamento da cultura municipal.

A Lei Aldir Blanc também foi mencionada pelos participantes e ficará marcada como uma movimentação política de reação aos impactos da pandemia causados ao setor cultural. No limite, trata-se de uma lei emergencial que, em grande parte dos estados da federação, não teve seus recursos empenhados a partir de instrumentos que dialogassem com o contexto excepcional de urgência das respostas e com a diversidade de caminhos possíveis. (Canedo; Andrade; Freitas, 2021).

Alguns entrevistados trabalhavam em projetos sociais e assistenciais, mas, no contexto atual, seriam eles que os que precisariam de ajuda. Foi possível perceber relatos que forneceram exemplos de cestas básicas para garçons, ajuda financeira para músicos, associação de profissionais para ajuda mútua, além das próprias ações governamentais de auxílio financeiro, consideradas insuficientes e paliativas. Isso pode ser percebido na dala de Tim Maia.

Que o pessoal olhasse mais para o pessoal da música, que tem uma suma importância na cultura né, eu acho que qualquer lugar, sem cultura [...] não é nada [...] eu acho que nossos governantes tinham que olhar mais para o ramo, que tá passando a maior dificuldade de todos os anos [...] o pessoal precisa de ajuda, tem muita gente passando apuro, fechando (Tim Maia, 2021).

Dentre as falas que descaram os desafios enfrentados pelos músicos, a participante Elis Regina complementa sobre a escassez de recursos financeiros para essa classe, que vai além do contexto pandêmico, ou seja, a área já carecia de investimento antes da crise instalada devido a pandemia. O investimento público feito na música (e no setor cultural de modo geral) seria insuficiente, por isso, ela relaciona a concretização de projetos da área principalmente da música erudita com o patrocínio de empresas da cidade.

A qualidade da música depende de quem está no poder [...] o pessoal da direita tem muito apoio dos empresários da cidade, e sem esse apoio as coisas não funcionam. Somos dependentes disso. O governo de esquerda encara a música como projeto social, leva aos pobres, mas não valoriza a música erudita nem bons projetos (mais caros) porque não tem recursos [...] A verba para cultura na prefeitura é de fato muito pequena (Elis Regina, professora de piano, 2021).

As interpretações de Elis Regina vão ao encontro que foi abordado por Raul Seixas, que cita: “os projetos sociais que fomentam a música nas periferias. Escolas e Igrejas também reúnem público.”. Ele comenta que, como professor, já participou de projetos onde precisou pagar transporte com recursos próprios para que as crianças pudessem ir até o local e participar das atividades, reforçando a percepção da escassez de recursos que permitam a realização das atividades musicais em sua forma plena.

O contexto da pandemia revelou as fragilidades e as dificuldades de compreensão e reconhecimento político do setor sobre a área cultural de maneira geral, **portanto instabilidades**.

O isolamento social e a perda de renda de parte da população foram enfrentados no setor por meio do uso de plataformas digitais sociais, com iniciativas criativas individuais ou coletivas, reforçando a sua importância para a vida em sociedade (Góes et al., 2020). Assim, o músico, considerado muito ativo em projetos sociais, agora necessita do amparo dessas instituições de auxílio. Tais situações geravam instabilidade e incapacidade, elementos presentes na ideia de contexto extremo Hannah et al. (2009).

O DESAFIO DOS APARATOS TECNOLÓGICOS: REINVENTE-SE OU DEIXE-NOS

Nessa categoria estão agrupadas as interpretações dos músicos que remetem ao potencial de sua atividade gerar consequências físicas, psicológicas ou materiais que poderiam ocorrer na proximidade física com o público. Os relatos dos entrevistados enfatizam dois aspectos relacionados ao uso dos aparatos tecnológicos: aqueles que se adaptaram às novas condições de trabalho, transformando o ambiente doméstico em uma espécie de estúdio; e aqueles que não viram condições de utilizar as tecnologias para continuarem desenvolvendo suas atividades de forma satisfatória.

Alguns músicos que trabalhavam no conservatório relataram não terem se adaptado ao modelo online de ensino, abandonando essa atividade: “A pandemia trouxe inovação para se comunicar, mais tecnologias. O músico já tinha que ter e agora muito mais. Isso é essencial para fazer um bom trabalho, ou perderá oportunidades” (Gilberto Gil, Músico e Proprietário de Loja Instrumentos). As tecnologias digitais se intensificaram no momento de pandemia, mas já estavam presentes anteriormente, o que já exigia dos músicos uma capacidade especial de adaptação pelo contexto em que já encontravam suas próprias atividades profissionais e mercadológicas, indo ao encontro do que foi abordado no estudo de Wainer (2017).

A remuneração por meio das plataformas digitais, pelos números de visualizações e pela quantidade de público que atinge já acontecia antes da pandemia: “[alguns cantores] fazem show barato pra ganhar visibilidade, a visibilidade já era o foco mesmo antes da pandemia [...] agora se intensificou” (Heitor, músico de eventos e professor de piano). Já era uma realidade para o setor o fato de o músico se sentir na obrigação de usar a internet com intensidade, inclusive, se expondo nas redes sociais, com o intuito de divulgação e engajamento do público. As interpretações dos entrevistados Gilberto Gil e Milton Nascimento apontam para essa (nova) realidade que se impôs a esses profissionais, quanto à enfatizada essência da atividade artística, que requer troca, interação e contato direto com o público, conforme figura 1.

Figura 1 – Representações sobre o contexto musical



Fonte: desenhos produzidos pelos entrevistados durante a pesquisa.

O primeiro desenho da figura 1 mostra um músico trabalhando de forma isolada e cercado de aparatos tecnológicos, vistos como essenciais para a realização de seu trabalho. Para esse entrevistado, Gilberto Gil, a pandemia fez com que houvesse mais inovação por parte dos músicos, visando uma comunicação mais efetiva. Ademais, ele cita que “o músico já tinha que ter [conhecimento tecnológico] e agora muito mais”. Já o segundo desenho mostra uma percepção em oposição à primeira, pois para esse entrevistado, a alegria do músico está na troca com as pessoas, como pode ser observado em uma de suas falas: “a cultura sentiu bastante porque depende muito da aglomeração. A arte depende muito da troca. Para o artista não tem graça. (Milton Nascimento)”.

Antes do surgimento e da popularização da internet e das ferramentas digitais, o foco estava nas rádios e nos programas da televisão aberta. O participante Roberto Carlos destaca a incorporação da tecnologia na área, enfatizando todo o processo ao longo do tempo.

Vou falar da linha do tempo, cara: quando eu comecei, era assim: grava um CD, faz algumas faixas, faz cópias do CD, sem vender o CD (porque está escrito ‘venda proibida’ porque não tinha vínculo com gravadora essas coisas), divulga espalhando na cidade, jogava o cd no YouTube, usava sites pessoais para o pessoal baixar as músicas, camisetas, brindes, ia na rádio para o pessoal tocar seu CD [...] de uns tempos pra cá, o YouTube ganhou muita força. O CD só de áudio foi perdendo força, aí veio o DVD, o pessoal queria mais do que só escutar, queriam ver. Depois veio o bluetooth, pendrive, porque nem os sons tinham CD mais. Aí começou muito o digital, o Deezer, Spotify YouTube. Hoje, o cara lança o material mais nas plataformas digitais do que propriamente físico. (Roberto Carlos, músico de eventos, 2021)

O entrevistado Heitor reforça a importância da conexão com a internet, de ter equipamentos adequados e destaca também outros tipos de aplicativos para conseguir novos trabalhos e se integrar ao contexto imposto.

Tenho percebido que na pandemia, eu tava perdendo muito tempo como professor, por exemplo. Porque esses trabalhos que eu falei pra vocês que eu to fazendo, de gravação, das aulas e tal, foi tudo dentro da pandemia, eu tive que me reinventar. Em uma aula eu to na Austrália, na outra em Portugal, na outro nos EUA, percebeu? O que eu preciso? Uma boa conexão, um bom computador e saber falar uma outra língua. [...] Nessa parte de fazer gravação, por exemplo, existem aplicativos que é como se fosse um Uber, iFood dessa prestação de serviço, mas nesse caso voltado mais para a arte, não só necessariamente para música (Heitor, pianista, 2021).

A intensificação do trabalho é ainda mais presente no cotidiano desses profissionais, que além de exercer suas atividades rotineiras (dar aula, tocar ou cantar para o público, dentre outros), eles precisaram aprender ou melhorar seus conhecimentos sobre as plataformas digitais para conseguir manter as aulas, utilizar das mídias sociais para a divulgação de lives, e, ainda, adquirir os equipamentos para realizar tudo isso com qualidade.

O trabalho desses profissionais se intensificou consideravelmente devido às incertezas e mudanças tecnológicas abruptas, características discutidas por Green (2001) e Patterson (2001) e consequência de pressões de nível macro da economia, concorrência e de mudanças nas práticas organizacionais. Os músicos participantes da pesquisa se depararam com um contexto em que a pressão por adaptação e reinvenção foi (e ainda é) constante. Para alguns profissionais, não foi possível realizar essas adaptações de forma satisfatória, o que os levou a situações extremas de dificuldades financeiras.

As tecnologias e as inovações, típicas do setor cultural, especialmente ligadas à música, já compunham um contexto de **exigências e ameaças** para os profissionais, mesmo antes da pandemia de Covid-19. O que acontecera então com o obrigatório regime de isolamento social no combate à pandemia foi uma intensificação dessas exigências. Os profissionais que já lidavam com as tecnologias e conseguiam caminhar pelas inovações do setor, sentiam mais facilidades com o novo contexto; entretanto, os profissionais que já se encontravam resistentes anteriormente, viam-se em um dilema difícil, que levou muitos a abandonarem suas atividades profissionais.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Neste artigo, defendemos que a reutilização de dados qualitativos de pesquisas empíricas oportuniza o alcance de novos resultados que desafiam os pressupostos subjacentes à literatura existente. Para tanto, mostramos que ao fazer o reuso de dados de uma investigação anterior, alcançamos resultados que, de fato, contribuíram para definições mais úteis e precisas, ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo.

No caso em tela, quando na coleta dos dados, fomos surpreendidos pela pandemia de Covid-19. Com o reuso, pudemos superar as limitações impostas pelo percurso metodológico que tínhamos assumido até então. Essa nova maneira de se pensar a análise qualitativa de trabalhos empíricos já finalizados possibilitou o surgimento de um novo desenho de pesquisa, sendo possível compreender novas questões.

Originalmente destinada a estudar o mercado da música na cidade de Uberlândia, reutilizamos os dados para compreender uma nova questão: o contexto extremo. Desse modo, analisamos o trabalho do músico em Uberlândia sob uma nova perspectiva: a pandemia de Covid-19. O trabalho do músico passou a ser caracterizado pelo extremo, o que até então não fazia parte de sua atividade profissional.

Inicialmente, os resultados mostraram que, devido ao aumento do uso da tecnologia, alguns músicos não conseguiram (ou não quiseram) manter seus trabalhos, optando pela troca de atividades ou mesmo pela espera de uma melhoria na conjuntura atual quanto à possibilidade de realização de shows, por exemplo. Isso fez com que houvesse uma intensificação do trabalho e as dificuldades de adaptação ao formato online. Apresentaram-se também algumas interpretações sobre as iniciativas governamentais, como a Lei Aldir Blanc, para auxílio de artistas que ficam em situação de vulnerabilidade econômica pela impossibilidade de realizar suas atividades plenamente. Além disso, foi percebido a existência de ações independentes de outros músicos, que se mobilizaram e criaram condições de auxílio para colegas de profissão. As falas dos entrevistados mostram que o contexto extremo são (re) interpretados por meio de sentimentos direcionados à pandemia de Covid-19, como: medo, raiva e perda (financeiras e relacionamentos pessoais).

O contexto extremo é típico de muitas profissões (policiais, bombeiros, profissionais de saúde) (Hällgren et al., 2018) mas, não a do músico – pelo menos até o anúncio das medidas restritivas, importantes para o combate à pandemia. Esses profissionais foram então surpreendidos com uma nova e inevitável situação, para a qual não estavam prontos para enfrentar. Ao longo de suas carreiras não teriam sequer imaginado ter que lidar com o extremo, como foi lhes exigido em 2020, 2021 e 2022. Quaisquer que fossem o caminho escolhidos, teriam também que assumir prejuízos imensuráveis. A pandemia de Covid-19 colocou diversos profissionais nesse mesmo dilema.

Ligadas às ameaças, instabilidade e desafios do trabalho de músicos em contexto extremo, também foi possível considerar que os resultados apontam para definições mais úteis e precisas, quais sejam: buscar um maior aprofundamento nas contribuições analisadas relativas aos sentimentos dos sujeitos participantes da pesquisa ao liderem com as circunstâncias impostas pelo extremo, especialmente, o sentimento de luto no âmbito do trabalho. Além disso, o campo dos estudos organizacionais poderá se beneficiar com os resultados de pesquisas sobre redes de solidariedades em contextos extremos, no âmbito nacional, articulando aspectos culturais e simbólicos.

Este estudo apontou que situações inesperadas em pesquisas qualitativas podem ser frequentes, sendo o pesquisador e o pesquisado também moldado pelo ambiente pesquisado. Nesta nova pesquisa, redesenhada em resposta às mudanças sociais produzidas

pela pandemia de Covid-19, os pesquisadores responderam ao ambiente que se impôs à pesquisa, colhendo as interpretações dos entrevistados acerca do contexto que estavam vivendo. Tanto na atividade de pesquisa, quanto na atividade profissional dos músicos, o contexto também pode caracterizar um trabalho extremo, para além daquelas profissões pontuadas pela literatura.

Dentre as contribuições da pesquisa, destaca-se a abordagem metodológica. O desenho de pesquisa pode ser semelhantemente utilizado em outras investigações empíricas. O uso da entrevista episódica de Flick (2002) dá sustentação para o uso da técnica projetiva presente no estudo de Campos et al. (2020). Esses três tipos de entrevistas em um mesmo momento possibilitaram triangular as interpretações do entrevistado de maneira profunda e substancialmente útil no alcance do objetivo proposto.

O reuso do corpus mostrou-se como uma proposta de pesquisa promissora nas abordagens qualitativas, caracterizadas por vezes pela profundidade e a quantidade dos dados, que podem servir para o alcance de outros objetivos de pesquisa, especialmente na investigação de interpretações existente em um grande volume de dados. Este artigo aponta também para a possibilidade do uso de técnicas de pesquisa que considerem o isolamento social.

A pesquisa também contribuiu teoricamente, por estender a compreensão do contexto que caracteriza um trabalho extremo (*extreme job*), até mesmo em campos não tipificados como tal, como o da música, que se viu envolvido por ameaças, incertezas e instabilidades diante da pandemia. A atividade profissional dos músicos, bem como outras, pode ser caracterizada pelo trabalho extremo a partir do contexto extremo.

REFERÊNCIAS

- AFONSO, L. M. Os reflexos da pandemia COVID-19 na profissão músico em Manaus-Amazonas: decreto estadual, trabalho, saúde e emocional. *Revista Música*, [s.l.], v. 21, n. 1, p. 37-54, 2021.
- BLOOMFIELD, B.; DALE, K. Fit for work? Redefining 'normal' and 'extreme' through human enhancement technologies. *Organization*, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 552-569, 2015.
- BOZKURT, O. The punctuation of mundane jobs with extreme work: Christmas at the supermarket deli counter. *Organization*, [s.l.], v. 22, n. 4, p. 476-492, 2015.
- BRAGA, G. A.; MEDEIROS, C. R. O.; PAULA, V. A. F. Nos bastidores do heavy metal: das 'notas acidentadas e ritmo irregular' ao prazer e magia do palco. *Revista de Carreiras e Pessoas*, [s.l.], v. 8, n. 3, 2018.
- BRAUN, V.; CLARKE, V. Using thematic analysis in psychology. *Qualitative Research in Psychology*, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 77-101, 2006.
- CALABRE, L. A arte e a cultura em tempos de pandemia: os vários vírus que nos assolam. *Revista Extraprensa*, [s.l.], v. 13, n. 2, p. 7-21, 2020.

CANEDO, D. P. et al. Políticas culturais emergenciais na pandemia da COVID-19? Demandas e estratégias de enfrentamento e as respostas dos poderes públicos. 2021.

CORTI, L.; THOMPSON, P.; FINK, J. Preserving, Sharing and Re-Using Data. In: CASSELL, C.; SYMON, G. (ed.). *Essential Guide to Qualitative Methods in Organizational Research*. London: Sage Publications, 2004.

DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. The discipline of qualitative research. In: DENZIN, N. K.; LINCOLN, Y. S. (ed.). *The Sage Handbook of Qualitative Research*. London: Sage Publications, 2005.

FERREIRA, D. V. S. et al. Repertórios interpretativos sobre a economia criativa na cidade de Uberlândia: o mercado da música na ótica do ecossistema laranja. *Revista Brasileira de Gestão e Desenvolvimento Regional*, [s.l.], v. 19, n. 1, 2023. DOI: 10.54399/rbgdr.v19i1.6544.

FLICK, U. *Qualidade na pesquisa qualitativa*. Porto Alegre: Bookman, 2009.

G1. Movimento ‘Cultura luta’ distribui cestas básicas para artistas de Uberlândia prejudicados pela pandemia de coronavírus. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/mg/triangulo-mineiro/noticia/2020/05/26/movimento-cultura-luta-distribui-cestas-basicas-para-artistas-de-uberlandia-prejudicados-pela-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 20 jun. 2021.

GOES, G. S. et al. O setor cultural na pandemia: o teletrabalho e a Lei Aldir Blanc. *Carta Conjuntural (IPEA)*, [s.l.], p. 1-7, 2020.

GREEN, F. It's been a hard day's night: the concentration and intensification of work in late twentieth-century Britain. *British Journal of Industrial Relations*, [s.l.], v. 39, n. 1, p. 53-80, 2001.

HÄLLGREN, M.; ROULEAU, L.; DE ROND, M. A matter of life or death: how extreme context research matters for management and organization studies. *Academy of Management Annals*, [s.l.], v. 12, n. 1, p. 111-153, 2018.

HANNAH, S. T. et al. A framework for examining leadership in extreme contexts. *The Leadership Quarterly*, v. 20, n. 6, p. 897-919, 2009.

HOLANDA, N.; LIMA, V. Cultural movements and political actions during the Covid-19 pandemic. *Interface: a Journal for and about Social Movements*, 2020.

LOURO, V.; LOURO, F. S.; DUARTE, P. G. O estresse gerado pela pandemia como risco para adoecimento mental e físico do músico a partir das neurociências cognitivas. *Revista Música*, [s.l.], v. 20, n. 2, p. 379-396, 2020.

MAIA, A. F.; ANTUNES, D. C. Música, indústria cultural e limitação da consciência. *Revista Mal-Estar e Subjetividade*, [s.l.], v. 8, n. 4, p. 1143-1176, 2008.

MARTINS, I. Artistas de Uberlândia falam sobre prejuízos na pandemia. *Diário de Uberlândia*, 12 dez. 2020. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/27262/artistas-de-uberlandia-falam-sobre-prejuizos-na-pandemia>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MERLIN, B. Com shows suspensos, músicos buscam alternativas para sobreviver em Uberlândia. *Diário de Uberlândia*, 18 mar. 2021. Disponível em: <https://diariodeuberlandia.com.br/noticia/28048/com-shows-suspensos-musicos-buscam-alternativas-para-sobreviver-em-uberlandia>. Acesso em: 15 dez. 2021.

MOREIRA, A.; PINHEIRO, L. OMS declara pandemia de coronavírus. *G1*, 11 mar. 2020. Disponível em: <https://g1.globo.com/bemestar/coronavirus/noticia/2020/03/11/oms-declara-pandemia-de-coronavirus.ghtml>. Acesso em: 15 dez. 2021.

NEXJOR. As dificuldades dos músicos na pandemia. 18 maio 2020. Disponível em: <http://nexjor.com.br/comarte/index.php/2021/05/18/as-dificuldades-dos-musicos-na-pandemia/>. Acesso em: 15 dez. 2021.

PATTERSON, F. Developments in work psychology: emerging issues and future trends. *Journal of Occupational and Organizational Psychology*, [s.l.], v. 74, p. 381, 2001.

SANDRONI, C. et al. A Covid-19 e seus efeitos na renda dos músicos brasileiros. *Revista Vórtex*, [s.l.], v. 9, n. 1, 2021.

SANTOS, G. M.; SANT'ANNA, S. P. Arte em tempos de pandemia: rotas para análises. *O Público e o Privado*, [s.l.], v. 19, n. 38, jan./abr. 2021.

THIRY-CHERQUES, H. R. Saturação em pesquisa qualitativa: estimativa empírica de dimensionamento. *Revista PMKT*, [s.l.], v. 3, n. 2, p. 20-27, 2009.

WAINER, D. F. Entre música e tecnologia: condições de existência e funcionamento da indústria fonográfica brasileira no século XXI. *Comunicação e Sociedade*, [s.l.], v. 31, p. 311-, 2017.

OPAS – ORGANIZAÇÃO PAN-AMERICANA DA SAÚDE. Histórico da pandemia de COVID-19. *Folha Informativa sobre Covid-19*, 2021. Disponível em: <https://www.paho.org/pt/covid19/historico-da-pandemia-covid-19>. Acesso em: 15 dez. 2021.

UBERLÂNDIA. 'Cultura em Casa' com projetos da 'Aldir Blanc' segue até agosto. 19 fev. 2021. Disponível em: <https://www.uberlandia.mg.gov.br/2021/02/19/programacao-do-cultura-em-casa-projetos-apoiados-pela-aldir-blanc-segue-ate-agosto/>. Acesso em: 20 jun. 2021.

CORPOS QUE REZAM, MAR QUE ESCUTA

Thaila Mariana de Jesus Ferreira

O Bembé do Mercado, uma celebração de mais de 130 anos em Santo Amaro, é um lugar marcado pela memória e pela resistência do meu povo. Participar desse momento, como santoamarense e como uma pessoa apaixonada pela cultura do meu território, é ser atravessada pela memória da escravidão e pela força da liberdade conquistada no axé.

Enquanto produzia tal ensaio, ouvia o canal oficial do Prêmio BTG Pactual da Música Brasileira, o episódio 2, mais especificamente do Casa MPB, que reunia novos artistas negros da cena musical baiana. Uma fala do cantor Lazzo Matumbi me chamou a atenção, quando ele diz: “A ancestralidade, é tão inteligente, que ela coloca a gente em posições diferentes, fazendo a mesma coisa e se conectando, porque é assim que mamãe África disse e, é assim que a gente vai sobreviver e renascer, colocando nossos nossos filhos na diáspora (21’01”).”

Instantaneamente, conectei essa fala ao presente ensaio, quando refletia o Bembé e a representação dessas fotografias. “Ela coloca a gente em posições diferentes, fazendo a mesma coisa” reinterpreta para mim o passado, a luta dos meus ancestrais em busca de liberdade, e o futuro, quando ainda que “libertos”, seguimos resistindo e lutando.



A água corre como reza, lavando que que não se vê



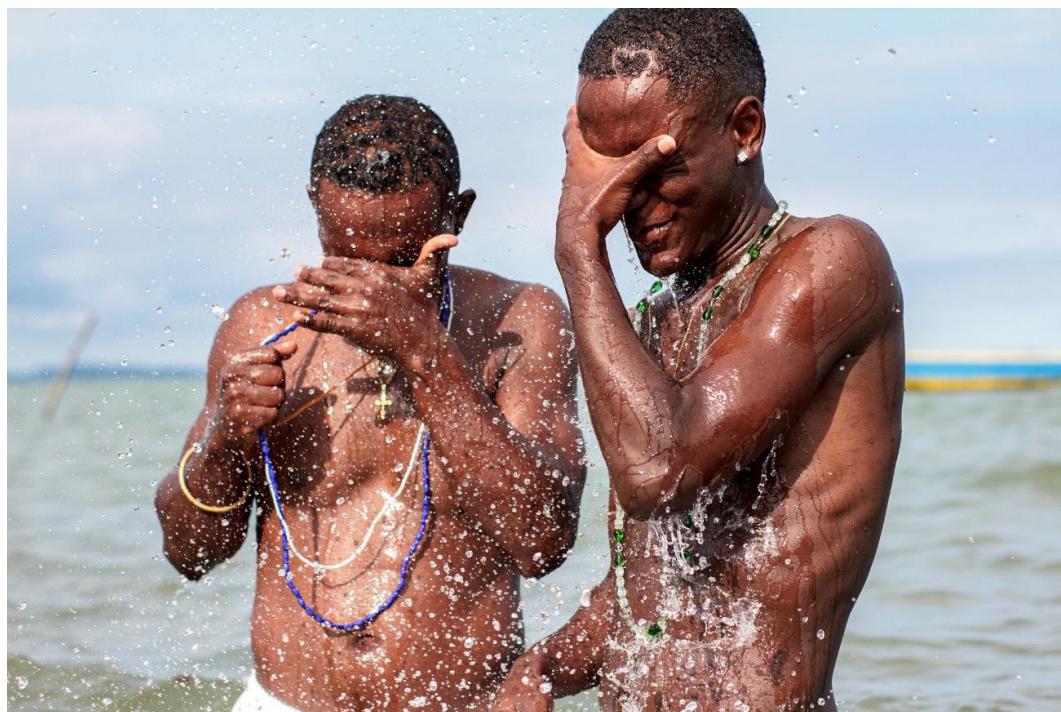
Fé é entrega





Leve, vivo e inteiro





Ser mar, corpo e respiro



Sentindo o mundo atravessar a pele





Um afeto lançado ao mar como promessa de retorno